

EUFEMIA,  
OU  
O TRIUNFO DA RELIGIÃO:  
DRAMA  
DE  
MR. D'ARNAUD,  
TRADUZIDO  
EM VERSOS PORTUGUEZES  
POR  
MANOEL MARIA DE BARBOSA  
DU BOCAGE.

---

*Sonitus terroris semper in auribus.*  
Job. Capit. 15.

---

*Nova Edição.*



RIO DE JANEIRO.  
NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNQ. M. DCCC. XI.

---

*Com Licença de S. A. R.*

---

*Vende-se na Loja de Paulo Martin filho por 960 reis, aonde  
se acha a Vestal por 800, Nova Castro por 960.*

VAN  
13.023

EUFEMIA

YMA  
82.78  
A 474 P  
1811

O TRIBUNAL

Mr. D. A. R. N. A. N. D.

TRABUJADO

EM VARGAS PORTUGUEZES

por

MANOEL MARIA DE BARBOSA

DU ROCAE

Señalada en la ciudad de Rio de Janeiro a 17 de Mayo de 1811.

Nota Final



RIO DE JANEIRO  
N. A. IMPRESSÃO

A. N. D. N. D. N. D.

Impressão de S. A. N. D.

Publicado em Lisboa de Paulo de Paula e Silva em 1811.



## A O L E I T O R .

O Cunho original desta Peça , excellente Composição de Mr. d'Arnaud , me animou a traduzilla para a dedicar ás Almas sensiveis. Huma luta vigorosa entre a Religião , e o amor , he a acção deste Drama. Os Episodios , que a adornão , travados destramente com ella , dão huma perfeita idéa dos talentos do Author , e do vasto conhecimento , que teve do coração humano. O contraste de caracteres , essencial ás Produções Theatraes , está aqui sustentado com magisterio ; o que poderá observar o Leitor instruido. Perigosos , e terriveis embates com que os sentidos assaltão a Razão , apurão ( por assim dizer ) as Celestes Verdades , que adoramos : e estes embates necessariamente se havião de empregar na presente Obra , lustrando muito mais com elles o Triunfo glorioso da Religião. Attentem os Espiritos conhecedores de si mesmos , e de huma das primeiras Artes , que a Scenea he o quadro moral do homem , que alli sem rebuço cumpre exhibir seus defeitos , suas paixões , seus crimes , ou suas virtudes , e pintallo ainda mais como he que como devêra ser ; finalmente , ( en o repito ) o esplendor do vencimento consiste nas difficuldades , que o disputarão , e a verosemelhança padeceria na Obra , que pnblico , se a Victoria da Religião contra a Natureza fosse menos ardua.

Em quanto á versificação , a do Original

A C T O R S

THE ACTORS

OF THE

THEATRE

OF

THE

ACTORS

A STATE OF THE

(1) Internal...





**EUFEMIA,**  
O U  
**O TRIUNFO DA RELIGIÃO.**

---

**ACTO I.**

Ergue-se o pannó. A Scena representa huma Cella escassamente guarnecida. A' esquerda, pouco distante da parede, está huma Tumba, ao pé da qual se vê huma alampada acceza. Do mesmo lado, mais para a boca do Theatro, ha hum Genuflexorio, e nelle hum Crucifixo com huma cáveira aos pés. Sobre o Genuflexorio estão varios livros de devoção. Algumas cadeiras escondem hum pouco a Tumba ás pessoas, que entrão na Cella. Começa a romper a manhã.

**SCENA I.**

*EUFEMIA só, com huma das mãos sobre a Tumba, na acção de quem se levanta.*

**Q**UE! Neste leito fúnebre, que banhão (1)  
Minhas lagrimas tristes, neste leito,  
Onde velão comigo a dor, e o susto.  
Onde a meus olhos o meu fim se offerece,  
On-

---

(1) Advirta-se, que ha algumas Religiosas, que são obrigadas a dormir na sua Tumba.

Onde o meu coração de dia em dia  
 Se deve hir ensaiando para a morte ;  
 No féretro , que espera o meu cadaver ,  
 Onso ainda nutrir memorias ternas !  
 Que digo ! Hum louco amor , que os Ceos con-  
 demnãõ !

Oh Deos ! Não has de tu livrar-me deste  
 Instincto criminoso ! (1) A tua Esposa  
 Com lagrimas , com ais aqui prostrada  
 Implora o teu Soccorro , a Graça tua  
 O vento a teu sabor zune , e se acalma ,  
 As ondas amontôas , e as desfazes ,  
 Teu sôpro accende o raio , o raio apaga ,  
 Da Terra a face mudas , em querendo ,  
 E não mudas , Senhor , e a ti não chamas  
 Huma alma , que te foge , e te he traidora !  
 Não volves em bonança a tempestade ,  
 Que os sentidos me offusca , e desordena !  
 Ah ! suffoca estes frágeis sentimentos ,  
 Esta paixão , meu crime , e tua offensa ;  
 Fere , compunge hum coração rebelde ,  
 Que inda soffre prisões além daquellas ,  
 Que cingio para sempre em teus Altares...  
 Se a desampara o Ceo , que he a Virtude ?  
 A minha em vão reclama os seus deveres.  
 Para vencer Eufemia , oh Deos Supremo ,  
 De todo o teu Poder tu necessitas. (2)

Es-

---

(1) Deixa a Tumba , e corre a prostrar-se ante o Genuflexorio.

(2) Prostra-se ainda mais , chorando amargamente.



Escuta minhas preces, vê meu pranto,  
 Manda-me o puro amor, e a paz Celeste,  
 Cessem minhas angústias, meus perjuros,  
 Triunfa, reina só nesta alma afflicta. (1)  
 E tu, que todos com pavor contemplão,  
 Que lição me não dás em teu silencio!  
 Sim, tu és meu retrato! Eis, eis as graças  
 Com que intento' encantar! Sou pó! Sou isto!..  
 E inda me atrevo a amar! Oh Ceos! Eu morro.

(2)

SCENA II.

SOFIA, EUFEMIA.

EUFEM. (4)

Então, querida Irmã, piedosa Amiga,  
 O sagrado Ministro, em cuja boca  
 A Verdade nos falla, e nos inspira,  
 Virá manter-me a languida virtude,  
 Domar hum coração, que ao Ceo resiste,  
 Unir ao seu dever minha alma indócil?

S O F.

Não poderá tardar; ficou Cecilia  
 Com ordem de chamallo, e conduzillo.  
 Mas que perturbação, mas que cegueira

To-

(1) Péga com ambas as mãos na cáveira.

(2) Inclinada para o chão, com extrema agonia.

(3) Levantando-se arrebatadamente, e indo para Sofia.

Tomou posse de ti? Como consentes  
 Debaixo desse véo, querida Eufemia,  
 O veneno mortal de hum amor louco,  
 De hum desgraçado amor sem esperança?  
 A pezar da Razão, do Ceo, que offendes,  
 Te inflamma o que he já cinza! A Morte...

## EUFEM.

## A Morte

Não lhe pôde roubar minha ternura:  
 Vive em meu coração, vive, e mil vezes  
 A Deos, ao mesmo Deos, nelle o prefiro.  
 Não pertendo córar o enorme excesso  
 Do meu crime fatal; mais do que nunca  
 Amor a sua victima atormenta:  
 Das trévas contra mim se vale, se arma,  
 Té no leito da Morte me persegue.  
 Depondo nelle o pezo de meus males,  
 Hia cerrando os olhos lacrimosos:  
 O Espirito, cahido entre amarguras,  
 No somno do sepulchro se ensaiava:  
 Que sonho! Que espectaculo terrivel  
 Me assombrou a agitada fantasia!  
 A' luz escassa de funérea tócha  
 Cevava minhas ancias, meus remorsos.  
 Por entre Mausoléos, Espéctros, Larvas  
 Eis scintilla hum relampago, e se esconde  
 Na longa escuridade, eis oiço hum grito  
 Fúnebre, pavoroso, a Terra brama,  
 E hórrida boca de repente abrindo,  
 Sólta hum Fantasma, envolto em negras vestes.  
 Na



Na dextra lhe reluz buido ferro ,  
 A mim corre , os cabellos se me errição ,  
 Chega , arrosta comigo , e reconheço  
 Sinval , competidor do Omnipotente ,  
 Sinval , que da minha alma expulsar devo ,  
 Que sempre mais , e mais a tyranniza ...  
 Vem , segue , ( elle me diz ) segue , acompnha  
 O teu primeiro Esposo ; em vão resistes :  
 As Aras de hum Deos sôffrego , e zeloso  
 Privilegio não tem para conter-me.  
 Nisto me afferra , e subito me rasga  
 Co' as sacrilegas mãos o véo sagrado ...  
 A meu pranto , a meus gritos insensível ,  
 Por entre ondas de sangue , e montes de ossos ,  
 De Sepulchro em Sepulchro elle me arrasta ;  
 N'um delles quasi morta me arremessa :  
 Caio , sóme-me o ferro nas entranhas ;  
 Eis que fusila o raio e nos abraza.

## S O F.

Essas vãs illusões , que gera o somno ,  
 A Noite as traz consigo , a Noite as leva.  
 Tu mesma , tu preparas o veneno ,  
 Que exacerba o teu mal , tu mesma aguçás  
 A frécha , que se encrava no teu peito.  
 Irmã , não he assim que se triunfa ;  
 Destesrra essas lembranças perigôsas.

## E U F E M.

Como hei de desterrallas ? Ah ! Que o fogo ,  
 O furor das paixões tu não conheces !

Nã•

Não sabes, cara Irmã, qual he o encanto,  
Qual a força de amor, e os seus estragos.

## S O F.

Tens-me por insensível, e te enganas;  
Tal não sou, mas quiz dar-me áquelle Objecto,  
Que só deve occupar nossos desejos.  
Tu mereces ingenua confiança;  
Contempla no que vou manifestar-te  
Quanto devo ao favor da Providencia.  
A's vezes a illustrar o exemplo basta,  
Minha alma fólga de se abrir contigo.  
Para a terna paixão nasci propensa,  
E sempre de a nutrir fui cuidadosa;  
Tudo o que me cercava, me attrahia,  
Prendendo-me a vontade em doces laços.  
Proxima áquella idade em que se admira  
Dos transportes, que sente a alma inquieta,  
Hia Amor sinalar dentro em meu peito  
Seu dominio funesto. Eis abro os olhos;  
Vejo minhas Irmãs, a quem devião  
Lisongear do Mundo os vãos prazeres,  
Huma em profundas mágoas submergida,  
Carpindo o Esposo, que aos primeiros dias  
Do seu Consorcio lhe expirou nos braços:  
Outra, quasi a morrer, misera Amante,  
Perdida por hum vil, e abandonada;  
Meu Pai, tornando aos seus no fim da Guerra,  
De improviso cahir na sepultura,  
E o seu mais caro Amigo entre cadeias,  
Opprimido com subita desgraça.

Des-



Deste quadro terrível passo os olhos  
Para todo o Universo. Observo os Grandes,  
Os Senhores do Mundo, e nelles vejo,  
Como nos mais, o dissabor, o enjôo;  
Angústia sobre o Throno até diviso,  
E a Purpura dos Reis banhada em pranto.  
Parece que esta imagem deveria  
Abafar o mimoso sentimento,  
Que respirava em mim; porém debalde  
Minha Razão se oppunha, murmurando,  
A' precisão de amar, á voz, que sóla,  
E com que persuade a Natureza.  
Meu coração mavioso me trahia;  
Não lutei mais, cedi, firmei o errante  
Desejo irresoluto. Era preciso  
Encher, fartar de amor toda a minha alma,  
E para objecto delle hum Deos escolho.  
Desde então se desfez na minha idéa,  
Qual sombra fugitiva, o Mundo todo;  
Desdenhei-lhe as promessas cavilosas,  
E apezar da esperança lisongeira  
Das grandezas, dos bens, contra a vontade  
De meus Parentes, para o Claustro corro.  
Deos acolhe o meu voto, em Deos consigo  
Tudo quanto appeteco; Elle me inflamma,  
Elle só he bastante a meus transportes;  
Senhor dos corações, e dos desejos,  
Só Elle os satisfaz; o Amante, o Esposo  
Nelle só procurei. De dia em dia  
O meu fêrvido amor se apura, e cresce.  
Este amor, que não pende da Fortuna,

Não

Não receia o destino, o fim daquelles,  
 Que esvaece o capricho, o Tempo, a Morte.  
 Não, não amo hum vulgar, profano objecto,  
 Que ou deixa de agradar, ou nuda, ou morre:  
 Enlevo me n'um Deos, e se me abraza  
 O Espirito immortal de amor eterno.  
 Ah! Goza, amada Irmã, goza comigo  
 Desta ineffavel gloria: Deos sómente  
 Deve reinar no coração de Eufemia.

## EUFEM.

Com lagrimas lhe peço, que me arranque  
 Lembranças, ao dever, e á honra oppostas.  
 Meu Deos! Este milagre he impossivel!  
 Tudo me está na idéa afigurando  
 Huma inflexivel Mãi, surda a meus rógos,  
 Negando ás minhas lagrimas piedade,  
 Que, céga, injusta, idólatra de hum filho,  
 Parece contra mim cruel Madrasta,  
 Que, somindo n'um Claustro os meus desgostos,  
 Saborêa o prazer, prazer terrivel  
 De separar dois Corações amantes,  
 Em quauto o meu amor... ah! Foi tyranna...  
 Porém he minha Mãi, sempre hei de amalla...  
 Inda que de Sinval deo causa á morte...  
 Esta imagem me ancêa, e me horroriza!  
 Eu propria completei meu sacrificio,  
 Eu propria me curvei a hum jugo eterno,  
 A huma Lei rigorosa... Oh Ceos! E que era,  
 Perdendo o meu Sinval, perder o Mundo?  
 E inda repulso hum Deos! Inda lamento



A prisão, que me liga! Ah! Não, não posso  
 Com tantas afflicções... eu desfaleço...  
 Sinval... torna, cruel, ao Sepulchro;  
 Tu me roubas meus votos... eu te sigo  
 A' habitação da Morte. Ah! Deixa ao menos  
 Para Deos o meu pranto, os meus remorsos.

S O F. (1)

Amiga! Irmã! Convem, que dissimules  
 Essa perturbação.

E U F E M.

Como he possível,  
 Se cresce a cada instante?

SCENA III.

EUFEMIA, SOFIA, CECILIA.

S O F.

A Hi vem Cecilia,  
 Teme..... (2)

E U F E M.

Embora a seus olhos appareça,  
 E aos de todo o Universo o meu delirio,  
 Meus males, minhas lagrimas, meu crime...

Sai

(1) Apertando-a nos braços.

(2) Para Eufemia.

Saibão todos, Sinval, que por ti morro.

C E C. (1)

Brevemente vereis o Sacerdote  
 De hum Deos Castigador, que, fatigado  
 De ameaçar em vão, já se prepara  
 A cerrar-vos das Graças o Thesoiro.  
 Esposa desleal do Espôso Eterno,  
 Tendese por cima a Cólera Celeste.  
 Vossa rebellião, damnoso exemplo  
 Para nossas Irmãs, ante os Altares  
 Ergue a Pedra de escandalô. Eia, a dura  
 Pertinácia expiai. Se com suspiros  
 Não reclamais o amor de hum Deos piedoso,  
 Se com vivo remorso, e dor sincera  
 As Aras não banhais do amargo pranto,  
 Tremei, não espereis mais que hum severo,  
 Implacavel Juiz, pronto á Sentença,  
 A que se oppôz téqui sua Bondade.  
 Não lhe soffre a Justiça o perdoar-vos,  
 Não vos póde absolver; eu vejo, eu vejo  
 Seu braço vingador lançar-se ao raio,  
 E a vossos pés abrirem-se os infernos:  
 Vós cahis, vós cahis nesses Abysmos...  
 De desesperação... de horror... de raiva... (2)

S O F. (3)

Que dizes, furiosa? Esse retrato

Não

(1) Em tom severo para Eufemia.

(2) Eufemia se perturba a estas palayras.

(3) Com indignação para Cecilia.



Não he, não he de hum Deos: tyranno o pintas;  
 Quando faltou nas Aras a piedade?  
 Vai, minha Irmã, com súplicas humildes (1)  
 Do mais terno dos Pais lançar-te ás plantas;  
 Levalhe hum coração brando, amoroso,  
 Que saberá por elle inda opprimir-se,  
 Padecer, e inflamar-se; extingue, apaga  
 Essa inutil paixão, que os Ceos prohibem;  
 Não cedas a victoria a teus sentidos;  
 Luta, e vence a rebelde Humanidade,  
 Que obsta á gloria immortal de submetteres  
 A Vontade á razão; suffoca os gritos  
 Da ciosa, indignada Natureza;  
 Vão ao teu Deos, e dá-lhe a sua Esposa.  
 Ellè do Ceo te chama, te exprimenta,  
 Presta as azas da Fé aos teus esforços.  
 Da Graça vencedora o puro fogo  
 A tua alma penetre: ah! Mui sensivel  
 O Senhor a creou, para negar-te  
 A santa Inspiração do Amor eterno,  
 Que, enlevado no Ceo, desdenha o Mundo:  
 Se algumas vez nos fere, ama-nos sempre.  
 Anjo exterminador, Anjo terrivel  
 Não temas no Ministro, que te envia;  
 Anjo consolador acharás nelle,  
 Teu pranto enxugará com mão piedosa:  
 A Religião sincera he indulgente. (2)  
 Ha quem possa formar diversa idéa  
 De hum Deos, que mais que tudo amar devemos!

B

SCE-

(1) Para Eufemia em tom affectuoso, e abraçando-a.

(2) Eufemia se retira na maior afflicção.

## SCENA IV.

SOFIA, CECILIA.

S O F.

**D**Esculpai-lhe hum transporte inevitavel;  
 Vossa virtude, austera em demazia,  
 Aterrou cégamente a triste Eufemia.  
 O ameaço, o rigor são proprios do Erro;  
 Reina a brandura na Moral que he santa:  
 O amor a inspira sempre, o medo nunca.

C E C.

Minha cólera iguala o meu espanto,  
 Como! Em vez de ajudar-me hum pio enfado,  
 Quando a Causa do Ceo zelar devieis,  
 Lisonjeaes paixões escandalosas!  
 Quereis que Eufemia, indigna de chamar-se  
 Nossa Irmã, seu perdão de Deos espere,  
 De Deos, que ultraja!

S O F.

Ah! sempre esses rigores  
 Haveis de alimentar n'alma severa!  
 Fundareis sempre a gloria na aspereza!  
 Pensai, pensai melhor. Cumpre de novo  
 Dizer-vos o que dicta, o que suggere  
 Hum sentimento innato? A Divindade  
 Não pôde ser cruel, nunca se esquivá

Das



Das lagrimas , que sóta a dôr sincera.  
 Que he , que vale o Poder se não perdôa ?  
 Aquelle , que remio a Humanidade ,  
 Não verteo por ingratos o seu sangue ?  
 Que he culpada a seus pés confessa Eufemia :  
 Elle se dignará de auxilliála ,  
 Enviando-lhe Graça ao fragil peito.  
 Sustentemos o Arbusto , que vacilla  
 Em termos de cahir , sim , consolemos  
 Nossa Irmã , lamentando-lhe a fraqueza.

## C E C.

A fraqueza ! Oh meu Deos , que a Impia esquece ,  
 Em que delictos cahirá teu raio ,  
 Se o poder evitar crime tão fero !  
 Desde que Eufemia proferio seus votos  
 Nunca hum Idolo vão lhe sahio d'alma :  
 Da cinza resurgindo , elle accrescenta  
 De momento em momento o seu dominio.  
 Que ! Depois de dez annos de queixumes ,  
 De suspiros , de lagrimas , ainda  
 Arde céga de amor , por frios ossos !  
 Nos mostra huma alma cada vez mais preza ,  
 Mais criminosa !

## S O F. (1)

Irmã... vós nunca amastes.

---

(1) Depois d'huma grande pausa.

C E C.

Em laços vergonhosos eu cativa!  
Eu amar! Só a Deos.

S C E N A V.

SOFIA, CECILIA, huma CRIADA. (2)

C R I A D. (3)

**C**Om muita instancia  
Huma Mulher incógnita em segredo  
Vos quer fallar....

C E C. (4)

Que qualidade inculca?

S O F.

Seja quem for, devemos attendêlla.

C R I A D.

Tem hum ar nobre, hum ar affectuoso,  
Que lhe adóça a tristeza, e que interéssa;  
Julgo-a digna de dó: talvez desastres...

S O F.

- 
- (1) No Original he huma Leiga do Convento.  
(2) A ambas.  
(3) Com vivacidade.



S O F. (1)

Entre.

C E C. (2)

Que, minha Irmã! Tanto importune.  
Tanto iudigente!

S O F. (3)

Venha, não me ouvistes? (4)

SCENA VI.

SOFIA, CECILIA.

S O F. (5)

**T**ão dura condição me afflige, e assombra.  
Imaginaes cumprir c'o a Lei Divina,  
E á commiseração negais o peito?  
A vossa devoção feroz, e agreste  
Sementes de odio, e cólera attribue  
A hum Deos de Paz, de Amor, e de Clemencia!  
Não gostareis o júbilo ineffavel  
De amar, e soccorrer os infelices,  
Chorando, e consolando-vos com elles?

He

- 
- (1) Em tom rapido.  
(2) Para Sofia.  
(3) Para a Criada, alteando a voz.  
(4) Vai-se a Criada.  
(5) Em tom sentido.

He isto , oh Religião pura , e querida ,  
 A tua mansidão , e o teu character ?  
 Nunca amastes , Irmã , já vo-lo disse ;  
 Debaixo do cilicio , que vos punge ,  
 Se azéda , se enraivece o vosso zelo.  
 Se tivesses amado , ah ! sentirieis  
 De huma Graça mais doce os attractivos.  
 O Deos dos beneficios incensâmos :  
 Foi seu Amor , não foi sua Justiça  
 Quem o levou por nós á Cruz , á Morte.

## C E C.

Cuidais , talvez ; que o Ceo de vós se serve  
 Para me alumiar , para dictar-me  
 As suas justas Leis ? Sei praticallas ;  
 Mas eu vejo hum Tropel de Mendicantes  
 Rodear este Asylo , e perturbar-nos ,  
 Associando aos Canticos Divinos  
 Seu pranto , seus queixumes. Os Altares  
 Impõe obrigações , que em todo o tempo  
 Forão , são respeitadas. Por ventura  
 Não devemos orar ? Se vos lembrasseis  
 De....

## S O F.

Façamos o bem , depois oremos.



SCENA VII.

A CONDESSA DE ORCÉ, SOFIA, CECILIA,  
a CRIADA. (1)

COND.

**H**Uma triste Mulher desconhecida,  
Quasi affogada em lagrimas, se atreve  
A vir manifestar-vos os seus males.... (2)

SOF.

Ide-vos. (3)

SCENA VIII.

SOFIA, a CONDESSA, CECILIA.

COND. (4)

**S**Em ninguem, destituída  
De todos os soccorros, e cançada

De

---

(1) A Condessa manifesta a sua indigencia por hum vestido preto dos mais ordinarios, no qual se vê todavia o asseio decente, que conservão sempre os infelices, que tiverão hum nascimento honrado, ou huma boa educação. Cecilia olha para ella com indifference desdenhosa, e Sofia com huma attenção compassiva.

(2) Para Sofia, e Cecilia.

(3) Vivamente para a Criada, que sahe.

(4) Continuando.

De soffrer huma vida lastimosa,  
 De ver olhos cruéis, ou desdenhosos  
 Fitar-se em mim, pensei que nos Altares  
 Encontraria o mavioso affecto  
 Das almas consagradas á virtude:  
 Aquella compaixão.... que o Mundo ignora.

S O F.

Assentai-vos, Senhora. (1)

C E C.

As nossas preces (2)  
 Chamão Deos a favor dos desgraçados:  
 Mas o nosso Mosteiro, apenas livre  
 De huma dívidá immensa, está gravado  
 Dos soccorros, que presta aos Indigentes.  
 A Caridade...

C O N D. (3)

Oh Ceos! A que mais póde  
 Chegar minha desgraça! E vós, Senhora,  
 Tambem sois contra mim! Não, não imploro  
 A terna Caridade, eu peço... a morte. (4)  
 Que novo golpe, oh Deos!

S O F.

- 
- (1) Para a Condessa com ternura; e ella se assenta.  
 (2) Friamente.  
 (3) Chorando.  
 (4) Chorando mais.



S O F. (1)

Ah que fizestes,  
 Cruel? Ide-vos, ide-vos; com isso  
 Lhe dobrastes a dôr... (2)  
 Eia, deixai-nos. (3)

S C E N A IX.

A CONDESSA, SOFIA.

S O F. (4)

S Enhora...

C O N D.

He esta a Lei officiosa, (5)  
 A Religião suave, e compassiva!  
 Onde hei de, justos Ceos! achar piedade!

S O F.

Onde? Em meu coração. Crede, Senhora,  
 Que junto ás Aras he que chora, e geme  
 Sem custo, sem violência a humanidade;  
 Não

(1) Com enfado para Cecilia.

(2) Cecilia fica ainda.

(3) Cecilia vai-se raivosa.

(4) Assentando-se junto da Condessa, e apertando-lhe a mão.

(5) Soluçando, sem reparar no que lhe diz Sofia.

Não julgueis, que Cecilia a desconhece. (1)  
 Desculpai-a. Seu culto grave, e triste  
 Como que faz brazão da austeridade:  
 Mas ha de lamentar-vos... sim, quem pôde  
 Sem commiseração ver-vos, e ouvir-vos?

## C O N D.

Eu não venho, Senhora, supplicar-vos  
 Dadiua pia, nem cobrir de opprobrio  
 Meus ultimos instantes, porque a Morte  
 Já sinto avisinhar-se... Oh Deos immenso!  
 Parará teu rigor nas minhas cinzas?  
 Sei de que modo as vidas se abbreviãõ,  
 Sei como se acabava meu tormento,  
 Minha affronta, mas não: Deos que me pune,  
 Deos só he que tem jus á minha vida,  
 E só devem seus golpes arrancar-ma.  
 Cumpre humilhar-me ao vingador flagelo  
 Engolir devagar todo o veneno  
 Da Desgraça cruel, que me persegue,  
 Soffrer minha misérrima existencia,  
 Fazer mais suffocar até o orgulho  
 De hum nascimento illustre. Eu n'outro tempo  
 Tive bens, e grandezas: o infortunio  
 Desfez esses fantasmas lisongeiros.  
 E quem me reduzio a este estado..! (2)  
 Perdoai-me... huma angústia inexplicavel

Me

---

(1) A Condessa olha, vê que Cecilia se retirou, e contempla Sofia com ternura.

(2) Chora.



Me perturba, me opprime... Oh Ceos!... Eu vinha...

Póde obrigar a tanto a Desventura!  
Eu vinha... que expressão! Vinha rogar-vos  
Me amparasseis a langulda velhice,  
E que, adoçando as minhas amarguras,  
Quizesseis admitir-me... (1) por Criada.

S. O F. (2)

Que dizeis! Vós servir-me! Ah! Não Senhora;  
Mereceis outro genero de abrigo,  
Vós sereis a servida. Por livrar-vos  
Do estado, em que vos vejo, eu déra a vida.  
A amizade, a ternura hão de enxugar-vos  
O pranto, que verteis. Vossas desgraças  
Que feróz coração não moverião?

C O N D.

Ah! Quando me obrigais! Porém não devo  
Acceitar vossa offertá; hei de, Senhora,  
Abater-me, servir, morrer, mas nunca  
Ha de o meu infortunio envergonhar-me.  
A altivez d'alma as dadivas offendem,  
Seja qual for a mão, de que provenhão.  
Eu morro..., e quem me faz mais dura a morte  
He... (4) hum filho... que o peito me traspassa.

S. O F.

- 
- (1) Soluçando.  
(2) Com as lagrimas nos olhos.  
(3) Abraçando-a.  
(4) Chorando.

## S O F.

Hum Filho ! Oh Monstro ! Ha genio tão rebelde  
 A's Leis do Sangue , ás Leis da Natureza ?

## C O N D.

Sim , da minha desgraça he causa hum filho ,  
 Hum filho , alimentado no meu peito.  
 A penas veio ao Mundo empreguei nelle  
 Todos os meus desvélos , e caricias ,  
 Do terno amor de Mãi toda a fraqueza ,  
 Sacrifiquei-lhe o gosto , a Dignidade ,  
 E até o Esposo , o Pai , e os outros filhos.  
 Pela vida do ingrato eu déra , eu déra  
 Mil vidas , se as tivesse , e nos seus braços  
 Morrêra consolada ; era só elle  
 O que eu via no Mundo , o que adorava...  
 Perdendo seus Irmãos , e o meu Consorte ,  
 Favoreci-lhe o jus , que lhe deixarão ,  
 Só nos seus interesses embebida ;  
 Que digo ! Até cedi de meus direitos ,  
 E após o coração dei-lhe as riquezas ,  
 Sem excepção , e sem reserva alguma.  
 Não pedi , nem queria em prémio disto  
 Mais que a consolação de estar com elle ,  
 De exhalar o meu ultimo suspiro  
 Junto de hum filho amado. Eu sim lhe achava  
 Sinaes , e propensões d'alma corrupta ,  
 Ornados com gentil fysionomia ;

Mas

---

(1) Dando hum grito.



Mas de enganar-me, e de os não crer folgava;  
 Tanto o manterno amor nos alucina!  
 Céga! Não reparei que hia meu filho  
 A Mocidade em vicios estragando,  
 Que aos excessos mais vis, e vergonhosos  
 Juntava o da avareza, e crueldade,  
 Que era hum ímpio, hum ingrato; em fim,  
 cazou-se.

Commumente huma Esposa inflúe, e cria  
 N'hm genio duro aquella suavidade,  
 Que he origem do amor, e da virtude;  
 Mas peor que elle a Esposa de meu filho  
 Atiçou contra mim seu odio incrível.  
 Este filho, que enchi de benefícios,  
 Me carregou de injurias, e desprezos,  
 Unio insulto amargo a atróz offensa,  
 Das lagrimas, de que elle era o motivo,  
 Os olhos affastou, e ultimamente (1)  
 Me expellio do Solar, (2) onde habitáráo  
 Meus honrados Avós, e onde eu nascêra.  
 Arrojei-me a seus pés, gritei, chorando;  
 „ Qh filho, filho meu! Vossa Mãi triste  
 „ Prostrada a vossos pés, não vos implora  
 Mais

(1) Chorando.

(2) Se algumas pessoas, por terem talvez vivido pouco, fizerem tão bom conceito da Natureza humana, que lhes pareça inverosimil este caracter odioso, responder-lhe-hei como o que extrahi, não de huma Novéla; mas dos pequenos Caracteres de Paris de 2 de Fevereiro do anno de 1769. A chamada Anna de Laloy, Mulher de João d'Uron, morreo a 14 de Janeiro na Aldea de Vaux-sur-Seine, ao pé de Melun, de idade de

„ Mais do que hum beneficio , unico prêmio  
 „ Deste amor , que por vós fez mil extremos.  
 „ Em breve a Morte acabará meus males :  
 „ No leito de meus Pais soffrei que expire.  
 Não me attende o cruel , e eu continuo :  
 „ Vós , que gerei , nutri com o meu sangue ,  
 „ Quereis , filho , que morra em desamparo !  
 „ Dei-vos tudo o que tinha , unicamente  
 „ Possuo .. hum coração , que a dôr consome.  
 „ Vós tereis filhos: desejar devia...  
 „ Ah ! Nunca , nunca , ingrato , vos imitem.  
 Então a Esposa , mais feróz ainda ,  
 Me expulsa de hum lugar que eu tanto amava ,  
 Lugar , onde , attrahidos da saudade ,  
 Os olhos muridundos me ficavão.  
 Céos ! E sobrevivi a horror tamanho !  
 Nesta consternação busco huma Amiga ,  
 Diz , que não me conhece. Em fim , vagando  
 Quasi sem tino já , por toda a parte ,  
 Chego aqui... onde espero achar a Morte.

## S O F.

Não , vós não mereceis ; em mim , e em outta  
 O Ceo vos deparou duas Amigas

Para

---

96 annos 3 mezes , 2 dias. Não deixou de trabalhar na  
 cultura das terras senão tres mezes pouco mais , ou  
 menos , antes da sua morte. Ella morreu n'um curral  
 de vacas , onde a agazalhavão por Caridade. Teve 48  
 filhos , e netos , e deixou 53 vivos. Os Pais , e as Mães  
 derão nunca o exemplo de semelhante dashumanidade ?  
*Nota do Author.*



Para vos consolar... mas continuão (1)  
 Vossos ais, vossas lágrimas ainda,  
 E com mais força as faces vos inundão!

C O N D.

Ah! Não devem ter fim senão ca' a vida.  
 Vós sabeis os meus males, vêde agora  
 O meu crime, e depois julgai se posso  
 Ao sentimento, ás lágrimas pôr termo.  
 Este filho, por quem padeço tanto,  
 Teve huma Irmã...

S O F. (2)

Fallai.

C O N D.

Que a Natureza  
 Ornou daquellas graças, que enfeitão  
 Ainda mais os corações que os olhos.  
 Tu a formaste, oh Deos, para agradar-me,  
 E eu neguei-lhe o carinho, amando-me ella.  
 Ah! Cada vez mais terna, e mais humilde,  
 Parecia em silencio perdoar-me,  
 E ignorar, que hum Irmão tinha ganhado  
 De sua injusta Mãi todos os mimos.  
 Hum Mancebo modésto, e virtuoso,  
 Igual na qualidade a minha filha,  
 A vío, a amou, e foi por ella amado.

Pe-

(1) A Condessa chora com mais força.

(2) Apressadamente, e com mais attenção ainda.

Pedio-ma por Esposa: eu, insensível  
 A's lagrimas da Triste, a sacrificio  
 A seu Irmão, desvio o seu Amante,  
 Encerro-a n'um Mosteiro, insto com ella  
 Para cingir-lhe hum laço tão differente  
 Dos ternos laços de feliz consorcio.

S O F. (1)

Successo igual...

C O N D.

Para obrigalla ao voto  
 Fiz com que falsas novas se lhe déssem  
 Sobre a morte do Amante, e confirmei-lha.  
 Cahio sem côr, sem vóz com este golpe;  
 Eis acode a animalla huma Parenta,  
 E já quasi mortal do Claustro a tira.  
 Morre pouco depois esta Parenta,  
 E da mísera filha ignoro a Sorte...  
 Ah! sem dúvida jaz na sepultura...  
 E eu a sacrifiquei a hum filho ingrato!  
 Eu, desgraçada!

S O F. (2)

Res.stir não posso...  
 E quanto mais vos oiço... aqui, Senhora,  
 Ha perto de dez annos...

C O N D.

(1) Perturbada á parte.

(2) Ainda mais turbada.



C O N D.

De dez annos... (1)

Que!

S O F.

Tenho a mais fiel , mais terna Amiga ;  
Da Mãi , que muito amou , foi pouco amada.

C O N D.

Da Mãi!... Continuai.

S O F.

Os seus desastres (2)

Ella lhos motivou. Teve esta filha  
Hum Destino infeliz qual teve a vossa ;  
Ella sabe attender aos desgraçados :  
Muitas vezes aqui lhe dá soccorro.  
Seu meigo coração ha de animar-vos ,  
E lamentar comvosco as vossas penas. (3)  
Senhora , haveis de vèlla , haveis de amalla.

C O N D. (4)

Será possível... Ceos ! Não sei que sinto  
No coração... guiai , guiai-me a ella.  
Oh Deos , oh Summo Deos ! Permittirias ,  
Que no auge do Infortunio...

C

S C E.

(1) Inquieta.

(2) Rápidamente.

(3) Ergue-se apressadamente.

(4) Erguendo-se com igual presteza.

## SCENA X.

*EUFEMIA, SOFIA, a CONDESSA.**S O F. (1)*

Vinde, vinde,  
 Minha querida Irmã, nos vossos braços  
 Affagar huma illustre Desgraçada.

*C O N D. (2)*

Constança!

*E U F E M. (3)*

Minha Mãi!

*S O F.*

Oh Providencia!

Que escuto! Sua Mãi!

*C O N D.*

Ceos! Minha filha (4)

Consagrada aos Altares para sempre!  
 E eu fui a que formei seu laço eterno!  
 Este véo, este véo ha de accusar-me

Con-

---

(1) Dando o braço á Condessa, e vendo entrar Eu-  
 femia.

(2) Dando hum grito, e desmaiando sobre a cadeira.

(3) Lançando-se-lhe aos pés.

(4) Tornando a si, cheia de espanto, e de dôr.



Continuamente... ah! Dize-me o motivo...  
E inda me dás de amor sinais tão doces! (1)  
Filha, o maior esforço he perdoar-me.

*EUFEM.*

Abraço minha Mãi, ou isto he sonho!

*COND.*

Não he sonho, não he, tens nos teus braços  
A tua infeliz Mãi.

*EUFEM.*

Sua desgraça (2)  
Dóbra a minha ternura. Mas quem pôde  
Forjar esta mudança deploravel?

*COND.*

Teu Irmão.

*EUFEM.*

Meu Irmão!

*COND.*

Sim, esse objecto  
De huma predilecção desasisada;  
Por quem abominei minha familia,  
Por quem... te conduzi ao sacrificio. (3)

C ii

*EUFEM.*

(1) Abraçando-a, e chorando.

(2) Levanta-se.

(3) Pegando na mão de Eufemia, e chorando.

## EUFEM.

Só sinto os vossos males. (1)

## COND.

Já na pôsse  
 De todos os meus bens, o deshumano,  
 Surdo às vözes do sangue, e aos meus clamores,  
 (Eu de igual tyrannia usei contigo)  
 Espancou sua Mãi, nem quiz mais vëlla.  
 Irados contra mim os Ceos estavam,  
 Pensa o que eu soffreria em tal extremo.  
 A Condessã de Orcé, que a Dignidade,  
 A riqueza, a lisonja, e mil prestigios  
 Cegárão longo tempo, em fim, cercada  
 Dos horrores, que seguem a indigencia,  
 Já sem consolação, já sem abrigo,  
 E até já sem a minima esperança,  
 Victima da cruel Necessidade,  
 Quasi em ancias de morte, veio, oh filha,  
 A este Asylo, franco à Desventura,  
 Pedir que a recebessem... por Criada.

## EUFEMIA. (2)

Mal posso respirar... não, Mãi querida, (3)  
 Não chegareis a tanto abatimento,  
 Para ser menos duro o vosso estado.

Eu

(1) Em tom forte.

(2) Cahindo nos braços de sua Mãi, depois de huma longa pausa.

(3) Arrebatada, e chorando.



Eu soffrerei por vós minha importuna, (1)  
 Amargurada vida, e desde agora  
 Não cuidarei senão de consolar-vos,  
 De vos vingar de hum filho. Eu pôsso... aquella  
 Parenta, que do Claustro semiviva  
 Me tirou nos seus braços, e sómente  
 Mie vio neste lugar fazer hum voto,  
 Que eu occultar queria a vós, e ao Mundo,  
 Aquelle coração tão generoso  
 Me deixou alguns bens... (2)

Eu vo-los cedo.

Além deste soccorro diminuto,  
 Tenho o lavor de minhas mãos, Senhora.  
 Sacrificarei tudo, e morreria  
 Mil vezes, cara Mãi, para mostrar-vos  
 O meu constante amor...

C O N D. (3)

E amas-me ainda,  
 Oh filhá! E não te lembras...

E U F E M.

Ah! Tratemos  
 Só de vós. Aqui tendes outra Filha: (4)  
 Ella he digna de nós, ella he sensivel,  
 E gosta de prestar aos desditosos;

Ve-

- 
- (1) Com fervor.  
 (2) Rapidamente.  
 (3) Abraçando-a.  
 (4) Apontando para Sofia.

Vereis sua ternura, e seus desvélos.

C O N D.

Já do seu coração recebi próvas (1)  
De sincera piedade, e agradecida... (2)

S O F. (3)

Não mais que hum sentimento infructuoso  
Encontrastes em mim. Se eu ser-vos util  
Podésse, graças mil ao Ceo rendêra,  
Que vos deve amparar. Delle he que nascem  
O socego, a ventura: elle só pode  
Soccorrer, levantar os abatidos;  
Mas eu talvez aqui vos sou molesta... (4)

C O N D. (5)

Não, ficai. Nós teriamos segredos  
Para vós? Publicai suas virtudes, (6)  
Meu arrependimento, a dôr, e o pranto,  
Que o remórso me custa; os beneficios  
De huma filha, a quem eu...

E U F E M. (7)

Com esse excesso

Vós

- (1) Com voz terna.  
(2) Dando a mão a Sofia.  
(3) Para a Condessa.  
(4) Dá alguns passos para se retirar.  
(5) Levantando-se.  
(6) Mostrando a filha.  
(7) Abraçando-a.



Vós he que me obrigais. Nós poderemos  
Viver, e chorar juntas... mas em breve,  
Cara Mãi, cerrareis meus olhos tristes.

*C O N D.*

Tu he que has de fechar os meus, oh filha.

*E U F E M.*

Não pensemos senão em confortar-vos.  
Vamos. (1)

*C O N D.* (2)

Que vejo, oh Deos!

*S O F.*

Todas as Noites (3)

Nos manda a nossa Lei, que descancemos  
Nesse leito da Morte. Hum terror pio  
Nelle nos acompanha, e nos presenta  
O fim, que para nós está guardado.

*E U F E M.* (4)

Sim, oh Mãi, o meu Thálamo he aquelle. (5)  
Logo vos contarei meus males todos.

Não

(1) Dá-lhe a mão.

(2) Vendo a Tumba, e recuando assustada.

(3) Para a Condessa.

(4) Dando hum gemido.

(5) A Condessa a estas ultimas palavras chora, olha  
com ternura para a filha, e cabe-lhe nos braços, Eufe-  
mia, depois d'humna grande pausa, diz a sua Mãi:

Não me desampareis. Acabem hoje (1)  
Estas agitações, que me atormentão.  
Accelerai o instante em que a minha alma  
Deve ser consolada, e soccorrida  
Por esse Anjo de Paz, que o Ceo lhe manda.

---

ACTO

---

(1) Para Sofia.





## ACTO II.

Ergue-se o pano, vê-se huma Capella, hum Altar a hum lado, e hum Peristylio, ou Columnata no fundo do Theatro.

### SCENA I.

*EUFEMIA, e SOFIA, ambas prostradas, huma de frente do Altar, a outra a hum dos lados.*

### S O F.

**O**H tu, cuja Grandeza testificação  
 Os altos Benefícios, que semêas,  
 Tu, cuja Graça os corações conquista,  
 Oh Deos! Oh Pai benigno! Tem piedade  
 Da minha triste Amiga, ouve meus rógos,  
 Desce ao peito de Eufemia, substitue  
 A'quelle ardor profano a pura chamma  
 De tua santa Fé, teu Amor santo;  
 Presta-lhe armas, Senhor, contra os sentidos  
 Desprezarás as lagrimas, as preces,  
 Q'a teus pés derramamos? Ah! Foi feito  
 De Eufemia o coração para adorar-te,  
 Para se encher de ti. Deos poderoso,

Que

Que a desesperação , que a dôr lhe observas ,  
 Acóde , acóde á mísera , e triunfe  
 O remórso , que n'alma lhe murmura.

## E U F E M I A.

Asylo do Infortunio , Altar sagrado  
 De hum Deos consolador , unico apoyo ,  
 Onde já sem paciencia , e já sem forças ,  
 Do pezo de meus males me alivio ; (1)  
 Eu te abraço , eu te offreço estes remórsos ,  
 Em soluços , e em lagrimas nutridos.  
 A minha afflictta Mãi quiz occultallas , (2)  
 Mas hum pranto saudoso em cuja origem  
 Tanto me enlevo ... oh Ceos!.. detido ha muito ,  
 Quer correr , quer correr , e os suffocados  
 Suspiros já no peito me não cabem.  
 A meu pezar consome-me hum incendio  
 Criminoso , amo , adoro hum vão Fantasma :  
 Elle a paixão sacrílega me excita ,  
 Que esperança não tem com que se alente ,  
 Elle , em lugar de hum Deos , dá Leis nesta  
 alma ,  
 E , sempre vencedor , surge da Terra  
 Para assaltar-me , oh Ceo...! Para assaltar-te.  
 Trago em meu coração todo o veneno ,  
 Todo o fogo de amor , trago os sentidos  
 Em contínuo tumulto , e não differença  
 Quaes são os sentimentos , que me régem.

Co-

---

(1) Abraça com transporte o angulo do Altar.

(2) Para Sofia.



Como que dois Espiritos oppostos  
 Lutando dentro em mim, me despedação.  
 Oh minha Religião!... He o mais frôxo  
 Para ti! Mas tu deves dominar-me;  
 O meu estado, a honra os Ceos o querem:  
 Tudo, em fim, me condemna, oppõem-se tudo  
 A'paixão, que por ti, Sival, me inflamma.  
 A Esposa de hum Mortal deve guardar-lhe  
 Fé sem limites; e de hum Deos a Esposa...  
 Justos Ceos! De mim propria me horroriso... (1)  
 E ainda o seu Ministro em meu socorro  
 Não chega! Oh Deos, que offendo, oh Deos,  
 que imploro, (2)  
 Tu, que hoje minha Mãi me restituiste,  
 Ah! Completa, Senhor, teus beneficios,  
 Ou... manda, que eu no tûmulo repouse.  
 Negarás, Deos Eterno, às cinzas minhas...  
 O socego, que em vida obter não posso? (3)  
 Minha Mãi! (4)

SCE-

- 
- (1) Olhando para a Columnata.  
 (2) Próstra-se mais profundamente.  
 (3) Vendo que entra a Condessa.  
 (4) A'parte, e sobresaltada, Sofia se retira.

## SCENA II.

EUFEMIA, a CONDESSA.

EUFEM. (1)

**A** Que viundes?

COND.

A teus braços, (2)

A ter parte nas mágoas, que te affligem,  
 Que mitigar quizera... ah! Eu devia,  
 He verdade, evitar tua presença:  
 Olhar ao Bemfeitor confunde, e acanha;  
 Mas eu te amo, Constança, eu te amo tanto,  
 Que saudosa procuro os teus affagos,  
 E... gémes? Tua sorte...

EUFEM.

A minha Sorte!

He suave, he feliz porque a meus braços  
 O Ceo vos conduzio. Não foi por falta  
 De amor, que me escondi aos vossos olhos... (3)  
 Eu não fujo de vós... não, Mãi querida...  
 Vim a este lugar... vim... humilhar-me  
 Ante Deos... aí de mim!.. Eu lhe implora-  
 va... (4)

COND.

(1) Ergue-se perturbada.

(2) Abraçando-a.

(3) Inquieta.

(4) Pronuncia estas ultimas palavras com voz desfalecida.



C O N D.

Desfalece-te a vóz...! Voltas os olhos  
Para occultar-me as lagrimas, que vértes!

E U F E M. (1)

Ah! Se eu podésse, oh Mãi, nesta corrente (2)  
Expellir minha dôr, meu mal, e a vida!  
Já sem mando a Razão, tentou de balde  
No peito ancioso refrear-me o pranto;  
De balde me esforcei para encobrir-vos  
Hum triste coração, que não sómente  
Nas lagrimas, nos ais se manifesta,  
Mas até no silencio. Constrangido  
De intoleraveis penas, vai mostrar-vos  
O seu estado, a chaga, que o devóra,  
E que, em vez de curalla, o Tempo agrava.  
A multidão vereis dos meus tormentos...  
Minha Mãi, recordai a origem delles,  
E... deveis perceber-me...

C O N D.

Que! Renovas  
Idéas tão terriveis? Hei-de, oh filha,  
Hei-de avivar hum quadro, que tomára  
Apagar com meu pranto, e com meu sangue!..  
Querida Bemfeitora, ah! Longe, longe

Es-

---

(1) Como transportada pela afflicção, cahindo nos braços da Mãi, e banhada em lagrimas.

(2) Depois de grande pausa.

Essa imagem cruel: nella consiste  
O meu castigo, e tu me perdoaste.

EUFEM. (1)

Vós, Senhora, he que haveis de conceder-me  
Hum perdão, que prostrada vos imploro.  
Eu, commettendo involuntario crime,  
Eu, sou quem vos offende. Sim, guardemos  
Inviolavel silencio nos meus males.  
Hum Deos, hum Deos, que rege os nossos Fados,  
Me encaminhou, sem dúvida, aos Altares.  
Fallemos só do amor com que desejo  
Contentar minha Mãe, só da ventura,  
Do prazer, que eu teria em consolar-vos;  
Fallemos... (2) não, não posso reprimir-me,  
Não sei conter o ardor, que me impacienta;  
Fallemos... desse objecto...

COND.

Qual?

EUFEM.

Meu pranto,  
Minha perturbação vo-lo nomêa...  
Que frenesi! Que angústia!... Eu ardo... eu  
morro...  
De Sinval... (3)

COND.

- 
- (1) Beijando-lhe a mão.  
(2) Enternece-se-lhe mais a voz.  
(3) Depois de hum longo silencio



COND.

De Sinval!

EUFEM.

Sim, desse, desse  
 Despótico Senhor de hum coração,  
 Cada vez mais amante, e mais chagado.

COND.

Que fiz, Ceos! E inda, filha, te possue,  
 Te inflamma essa paixão?

EUFEM. (1)

Mais do que nunca,  
 E o socego, o dever lhe sacrifico.  
 Digo-o carpindo a vossos pés, morrendo,  
 E attestando este Deos, que me abandona, (2)  
 Que me vê cada dia atribulada  
 Vir de rôjo ao Altar, ... e não me escuta...  
 Dez annos de combates dolorosos,  
 De lagrimas, de preces, o cilicio  
 Chegado ao coração, tinto em meu sangue;  
 O terror, que comigo se reclina  
 No féretro medonho; o Tempo, a Morte,  
 A Morte, que destróe, que absorve tudo,  
 Desarreigar não podem da minha alma  
 A violenta paixão com que deliro.

Hu-

(1) Arrebatada.

(2) Apontando para o Altar.

Huma Sombra , teimosa em perseguir-me ,  
 Vontade , e pensamentos me arrebatam ,  
 A Sombra de Sinval... eis o attentado...  
 Oh Ceos ! Tu ouves isto , e não tropejas !  
 Eis o objecto em que occupo a noite , e o dia ,  
 Eis o Deos , a quem sirvo , a quem adoro ,  
 A quem consagro incensos nos Altares !  
 Por cinzas sou rebelde ás Leis do Eterno...  
 Que digo , miseravel ! Ai ! Perdõa ,  
 Deos vingador , perdõa... ! A Graça tua...  
 Toda a minha razão me desampara. (1)  
 Ah Mãi ! Elle morreo ? Que negra sina...  
 Nosso amor... meu Destino... Eu fui a causa  
 Da morte do infeliz !

## C O N D. (2)

Oh minha filha !  
 Quanto a meu proprios olhos sou culpada !  
 Tua Mãi... tua Mãi foi teu verdugo !  
 Eu cavei esse Abysmo em que tu jazes !  
 Eu te entranhei no peito estes tormentos ,  
 Esse fogo sacrilego , os remorsos ,  
 A funesta paixão , que te consome ! (3)  
 Toda a tua virtude , oh filha , exerce  
 C'o a criminosa Mãi. Se acaso ainda  
 Fosse vivo Sinval...

EUFEM.

(1) Transportada-

(2) Chorando , e apertando Eufemia nos braços.

(3) Tendo-a chegada ao peito.



*EUFEM.*

Se fosse vivo! (1)  
 Sinval!.. Oh quanto feliz eu me chamára!  
 Quão leve por tal preço me seria  
 Este jugo perpétuo, que me opprime!

*COND.*

Poderei suavisar tua amargura,  
 Minha filha! Ouve... todos os meus crimes.

*EUFEM.*

Será vivo Sinval! (2)

*COND.*

Eu desejava  
 Apressar o momento em que aos Altares  
 Fosses ligada pelo sacro voto,  
 E do Mundo, e de mim te separasses  
 Par sempre; hum rumor súbito, e falso  
 Te ferio, te aterrrou; fingi a morte...

*EUFEM.*

Sinval, Sinval he vivo!

*COND.*

Assim o creio.

D

*EUFEM.*

(1) Em tom rápido.

(2) Arrebatada.

EUFEM.

Ah que o meu coração não he bastante...  
 A ventura, .. os transportes... vive!.. vive!..  
 Ceo! Nos meus dias teu rigor se farte...  
 Quanto me consolais! Sinval respira!..  
 Deos! Seja elle feliz... morra eu mil vezes. (1)  
 Mas... amava-me tanto, e abandonou-me?..

COND.

Inda te não contei... que vou dizer-te!

EUFEM.

Deixou de amar-me? Se assim he, callai-mo  
 Por quem sois. (2)

COND.

Não, Sinval te idolatrava.  
 He forçoso dizer-te o que eu quizera  
 Occultar a mim mesma! O que estimula  
 Mens remórsos!

EUFEM.

Fallai.

COND.

Que novo golpe  
 Te vai dar tua Mãi! Sinval, que morto

Jul-

(1) Depois de estar callada hum pouco.

(2) Rápidamente.



Julgaste, acreditou por minha industria,  
Que morrêras tambem.

*E U F E M.*

Deos! Que mais queres?

*C O N D.*

De amor, e de afflicção desesperado,  
Fugio, somio-se, e delle senão sabe...

*E U F E M.*

Sinval he morto, he morto. Eu experimento  
Quanto custa perder o que mais se ama.  
Nem ousou duvidar, he morto, he morto...  
Mas porque hei de nutrir tão negra idéa?  
Sinval, Sinval, talvez, menos sensivel  
Ao annúncio cruel da minha morte  
Do que eu fui ao rumor fatal da sua,  
Resistir poderia... e conslar-se.  
Capaz de amar como eu quem ha no Mundo?  
Que disse! Pôde ser, que já cativo  
De outro objecto... nos braços de huma Esposa...  
Que horror! Oh Ceos! Faltava-me o ciúme!  
E em zelosa paixão tambem me abraço!  
Aonde me arrebatou hum amor cego,  
Que tudo sacrifica a seus furores!  
Só deploro o meu mal neste momento...  
Ah! Nada, senão tu, Sinval me importe;  
Vive, e morra Constança. Em te esqueceres  
De mim não és diroso? Eu queria  
A's minhas afflicções associar-te!

D ii

Ai

Ai de mim ! Que , indecisa em meus desejos ,  
 Sem valor , sem razão , sem alvedrio ,  
 Sempre mais infeliz , mais criminosa ,  
 Não distingo , não sei se antes quizera  
 Morto a Sinval , que vivo , e de mim longe . .  
 Não , não posso domar a atróz suspeita .  
 Vêde minha paixão , minha loucura ;  
 Imaginastes dar-me algum conforto ,  
 E augmentaste , Senhora , o meu martyrio .  
 Todos os fogos , os venenos todos  
 Me abração , me devorão , me consomem ;  
 Frenética me aparto dos Altares ,  
 Offreço o peito á seta , que o traspassa ,  
 Desesperado amor he quem me inspira . . .  
 Ancêa-me este véo . . . o Esposo ultrajo ,  
 Ultrajo hum Deos . . . temendo-lhe o castigo .

## S C E N A III.

*As mesmas , C E C I L I A .*

C E C . (1)

**O** Ministro , em que brilha hum zelo santo ,  
 O Orgão do Ceo , Theótimo , o prudente . . .

E U F E M .

Já chegou ? (2)

C E C .

(1) A Eufémia.

(2) Com ardor.



*C E C.*

Brevemente ha de fallar-vos.

*E U F E M.*

Ah! Se elle me tornasse o meu socego! (1)  
 Suspiro pelo ver, e por ouvillo,  
 Por descobrir-lhe esta alma, por mostrar-lhe  
 Meus desgostos, meus erros...

*C E C.*

Dizei antes

Delictos, attentados, que mui tarde  
 Costuma Deos punir, mas não perdôa.

*E U F E M.*

Ai! Sempre haveis de armar-lhe a Mão piedosa?

*C E C.*

Eu antes que Theótimo vos veja  
 Preciso de fallar-lhe. Ide, e lembrai-vos  
 De que o Ceo já se enfada de soffrer-vos,  
 E talvez hum momento, hum só momento  
 Tenhais para expiar a horrenda culpa.  
 Quando for tempo mandarei chamar-vos.

*E U F E M.* (2)

Ah minha Irmã!

*C E C.*

(1) Do mesmo modo.

(2) Em tom mavioso.

## C E C. (1)

Privai-vos desse nome,  
 Minhas Irmãs o meu exemplo seguem,  
 E a Mão do Omnipotente as abençôa,  
 Ide. (2)

## S C E N A IV.

## C E C I L I A só.

**O**H Deos vingador! Castiga o crime,  
 Fogo dos Ceos a victima consuma:  
 Pedem tua Justiça, e tua Gloria,  
 Que, a pezar da Clemencia, a dêa á Morte.  
 Para te conhecerem, vibra, espalha  
 A chamma de teus Raios sobre a Terra,  
 Em lugar de saudavel, doce orvalho.  
 Pouco te manifestas na indulgencia:  
 Reconhece-se hum Deos pelos castigos;  
 Eufemia attrahe o Anáthema horroroso.  
 Deve-se á tua altissima Grandeza  
 Ingénua adoração, pura homenagem,  
 E eu, prostrada ante as Aras, a que desces,  
 Submissa ás tuas Leis, te sirvo, e temo.

SCE-

---

(1) Com soberba, e indignação.

(2) Eufemia, cheia de afflicção, he conduzida por sua Mãe, que a leva entre os braços.



SCENA V.

THEÓTIMO, (1) CECILIA.

CEC. (2)

**P**erdoai-me, Senhor, se eu interrompo  
O vosso respeitavel Ministerio  
Chamando-vos aqui, quando os Altares...

THEÓT.

O primeiro dever he sermos uteis:  
Pia Mão, de que o Proximo careça,  
Deve pôr o Thuribulo de parte.  
Que me quereis?

CEC.

Segundo a vossa fama...

THEÓT.

Meus ouvidos não andão costumados  
A estilo semelhaute. Esses obsequios,  
Essas adulações são para o Mundo,  
Que o seu orgulho vão mantêm com ellas.  
A verdade he quem deve dirigir-nos,  
Os meios de enganar não nos pertencem.

Não

---

(1) Tem hum ar contemplativo, e traz a cabeça inteiramente occulta com o Habito.

(2) Caminhando para Theótimo, e inclinando a cabeça.

Não tenho mais do que hum desejo estéril  
De valer aos Mortais: já vo-lo disse.  
Que motivo a chamar-me vos obriga?

C E C.

Minha alma, submettida a seus deveres,  
Fiel temente a Deos, não he que invoca  
O vosso auxilio: quem precisa d'elle  
He huma nossa Irmã, que, preza ao Mundo,  
Vergonhosa paixão conter não póde,  
Que leva hum feio escandalo aos Altares,  
Que espalha o máo exemplo, a rebeldia  
De hum coração, indócil a seus votos;  
Que arde n'um fogo, que apagar devêra,  
Obedecendo aos Ceos, em fim... que morre  
De hum louco amor...

T H E O' T. (1)

He digna de piedade!

C E C.

Desejára, Senhor, que vós com ella  
Usasseis do terror, e do ameaço  
Em nome de hum Dees justo, e de vingança;  
Que oppozesseis a Cólera Divina  
A' sua paixão céga, e lhe mostrasseis  
O Raio acceso já, o Inferno aberto...

T H E O' T.

---

(1) Com hum suspiro.



THEOT.

Antes lhe mostrarei, para attrahilla,  
Hum Deos digno de amor, que nos perdôa.

C E C.

E julgais esse methodo seguro?

THEOT. (1)

Confiai-vos n'uma Alma... que, sensivel,  
Ha de c'o a Protecção do Omnipotente,  
C'o a luz do Ceo reconduzir ao jugo  
Vossa Imã desgraçada, e lamentavel.  
Eu a espero.

SCENA VI.

THEÓTIMO só.

**Q**ue orgulho! Que dureza!  
Na sua devção bravía, amarga  
Ella imagina hum Deos, que rigoroso  
Lhe troveja na boca! E não veremos  
Jámais hum doce vinculo enlaçar-te,  
Divina Religião, c'o a Natureza?  
Sempre em nome do Eterno hão de haver odios?...  
Oh miseros Humanos!

SCE-

---

(1) Com alguma pausa,

## SCENA VII.

THEÓTIMO, SOFIA.

THEO'T.

O Ceo mesmo  
Se dispõe , minha Irmã , para escutar-vos ,  
Para dar lenitivo ás vossas penas.

S O F. (1)

Sei a minha fraqueza , ou o meu nada ;  
Dos Celestes soccorros necessito :  
O humano coração sempre anda em guerra.  
Conheço muito bem , que estamos sempre  
Em risco de cahir pela cegueira  
Com que a nossos sentidos nos prendemos ;  
Mas a desgraça de huma Irmã , que choro ,  
He o objecto , que a vós , Senhor , me guia.  
Ella requer , gemendo , o vossò auxilio ;  
Ah ! Vêde se abrandais seu duro estado :  
Contínua languidez lhe gasta a vida.  
Venho implorar-vos a favor da Triste ,  
Digna de amar hum Deos , que vê seu pranto,  
Hum coração , sensível por extremo ,  
Deo motivo a seu mal , aos seus desastres,  
Vós he que podereis esclarecer-lhe

O

---

(1) Com modestia.



O Espirito enlutado , e consolalla ,  
 Erguendo-lhe a vontade , o pensamento  
 A'quelle que merece os nossos cultos ,  
 Ao Deos , que satisfaz nossos desejos.  
 Dignai vos por quem sois de afinçar-lhe  
 A Clemencia dos Ceos , e perdoai-me  
 Se temeraria toco a Luz sagrada  
 Com que vindes piedoso illuminar-nos :  
 Mas... eu de minba Irmã conheço o génio ;  
 Facilmente ao terror...

*THEO'T.*

Que se esperance

No Deos , a cujo amor tão docemente  
 Chamais os corações. Eis a linguagem  
 Da pura Religião. Quanto horrorisa  
 O ímpio zelo de espirito intratavel ,  
 Que , não podendo amar hum Deos benigno ,  
 Sempre contra os Mortais o finge armado!

SCENA VIII.

*EUFEMIA , (1) THEO'TIMO , SOFIA.*

*S O F. (2)*

**E**I-la. (3)

Não , não temais , querida Amiga ,  
 Vinde , o Ceo condoido vos protège ,

Sua

(1) Traz o véo cahido no rosto , e vem andando com temor.

(2) A Theótimo , mostrando-lhe Eufemia.

(3) Caminha para Eufemia , dá-lhe a mão , e move ambas alguns passos pelo Theatro.

Sua Graça efficaz por vós espera ;  
 Abri-lhe o coração. Já possuímos  
 Este consolador santo , e piedoso ; (1)  
 Eu vos deixo com elle ... (2)

Oh Pai Snpremo !

Exérce o teu Poder : neste triunfo  
 Interessa , meu Deos , a Gloria tua.

SCENA IX.

THEÓTIMO, EUFEMIA. (3)

THEO'T.

**C** Hegai , prezada Irmã. Que vos sossobra ?  
 Meu gosto , meu dever he confortar-vos ,  
 Ter parte em vosso mal , dar-lhe remedio.  
 As humanas paixões quem não conhece ?  
 Ah ! Quem he tão feliz , que não sentisse  
 Jámais as amargosas consequencias  
 Desses prazeres vãos , que nos illudem ?

EUFEM. (4)

Ai !

THEO'T

- 
- (1) Conduzindo-a para Theótimo.  
 (2) Retirando-se.  
 (3) Eufemia mostra-se perturbada , está ainda longe  
 de Theótimo , e tem sempre o véo cabido.  
 (4) Dando alguns passos , e levantando o lenço aos  
 olhos.



## T H E O' T.

Valor, minha Irmã, communicai-me  
 Vossas tribulações, fallai sem susto.  
 Mais de huma Esposa do Senhor, mais de huma  
 Como vós suspirais tem suspirado.  
 Está comvosco huma Alma compassiva;  
 Sentai-vos.

## E U F E M I A. (1)

Ai de mim! Não sei por onde  
 Hei-de principiar... tendes á vista  
 Huma Esposa sacrilega do Eterno,  
 Huma infeliz Mulher, que ora se humilha  
 A' face dos Altares, ora os foge;  
 Que oppõe laço profano ao sacro jugo,  
 Que anda sempre consigo em viva guerra,  
 Obrigada, attrahida, já da culpa,  
 Já do arredendimento; em vão lutando  
 C'uma paixão violenta; o véo no rosto...  
 No peito..! o amor... (2)

## T H E O' T. (3)

O amor..! he necessário (4)  
 Vencêllo...

## E U F E M.

(1) Pára hum instante, e senta-se depois; Tehóti-  
 mo faz o mesmo. As suas cadeiras estão em alguma  
 distancia. Eufemia dá hum grande suspiro, e fica al-  
 guns momentos callada.

(2) Diz estas palavras em voz baixa.

(3) Perturbado.

(4) Socega-se.

EUFEMIA.

EUFEM.

Porém como?

THEOT.

He necessario (1)

Hum divórcio total c'ò a Natureza:  
 Os nossos corações a Deos competem.  
 Das sagradas Verdades prescindamos  
 Hum momento, valendo-nos sómente  
 Do que a luz da razão nos apresenta.  
 Examinemos, pois, as consequencias  
 Da paixão, que produz tantas desgraças,  
 Do amor, que nos convida ao precipicio,  
 Cobrindo-o de mil flores. Ah! Que esperão  
 Os tristes corações a amor entregues?  
 O interesse, o perjúrio, ou o capricho  
 Nos privão do que amamos... e se acaso (2)  
 Ardemos em reciproca ternura,  
 Eis a Morte... que dôr!.. a cruel Morte  
 Nos rouba par sempre aquelle objecto,  
 Que os nossos pensamentos encantava,  
 Ella surda... insensivel a gemidos...  
 Irmã, sómente a Deos amar devemos. (3)

EUFEM.

Elle me falla pela vossa boca:  
 Mas não podeis saber do amor qual seja...  
 THEOT.

(1) Continuando.

(2) Embaraça-se-lhe aqui a voz.

(3) Depois de huma grande pausa, e arrebatadamente



*T H E O' T.* (1)

Sei... (2) fallai, minha Irmã, e ha quanto tempo (3)

No santo Domicilio da virtude

Conservais esse affecto perigoso?

A amizade vos ouve: abri com ella

O vosso coração.

*E U F E M.* (4)

Minha alma anciosa...

Alimenta este fogo ha já dez annos.

*T H E O' T.* (5)

Ha já dez annos!

*E U F E M.*

Meu amor se augmenta

Com meus dias. Em vão para vencello

Uno todas as armas; em vão clamo

Pelo favor do Altissimo; em vão régo

Com lagrimas seu Templo, seus Altares,

E o leito funeral, donde comigo

Se ergue o crime, e o remórso: ao Santuario,

Ao proprio Santuario me acompanha

Este amor implacavel! Mesmo agora,

Ago-

(1) Vivamente.

(2) Torna em si

(3) Mudando de tom.

(4) Com voz languida.

(5) Com hum suspiro.

Agora a vossos pés mais do que nunca  
 Me desatina, e sinto repassado  
 Todo o meu coração deste veneno.  
 Pouco mais de tres lustros contaria  
 Ai de mim!.. quando amei, e fui amada;  
 E quem, quem me offrecia a mão de Esposo?  
 Quem jurava a meus pés amor tão puro,  
 Tão fiel, tão suave?... O mais perfeito,  
 O melhor dos Mortaes; nelle brilhavão  
 Todos os dons do Ceo, da Natureza:  
 Virtuoso, gentil, amavel, digno  
 Até de adoração...

*T H E O' T. (1)*

Ah! Moderai-vos  
 Minha Irmã; que dizeis! Escandecido  
 O vosso coração...

*E U F E M.*

Sempre está cheio  
 Desta imagem fatal. Eu desejára...  
 Oh Deos Eterno! A meu pezar te ultrajo...  
 As tochas do Hymenêo já se accendião,  
 Formavão-se no Altar os laços puros,  
 Que havião de ligar-nos para sempre:  
 Quando Mão poderosa... que venero,  
 Subito os despedaça, e com violencia  
 Levando ao summo grão minha agonia,  
 Nos divide, e n'um Claustro me sepulta.

Saio

---

(1) Vivamente.



Saio , em fim , deste Carcere , mas torno  
 Pouco depois a elle , e para nunca ,  
 Nunca jámais apparecer no Mundo ,  
 Para avivar na solidão o incendio  
 D'hum infeliz amor desesperado ,  
 Para morrer tragada , e consumida  
 De negros , melancolicos furores.  
 Tinhão-me dito , oh Ceos ! que o doce objecto  
 De meus térnos suspiros era morto ...  
 Elle vive , elle goza a luz do dia ,  
 A luz , que brevemente ha de faltar-me.  
 Devia esta noticia dar-me allívio ,  
 Devia ... minha dôr não tem remedio ,  
 Não tem ... posso morrer , porém vencer-me ,  
 Desterrar da minha alma estas memorias ,  
 Effeitos de indomavel sympathia ,  
 Detestar o meu crime ... ah ! Não , não posso ...  
 Amo cada vez mais. (1)

*T H E O' T.*

Oh desgraçada !  
 Que piedade me inspira a vossa angústia !  
 Ah ! Devo-a lamentar. Se vós soubesseis ...  
 Perturbado eu tambem ... dentro em minha alma,  
 Dentro em meu coração cahe esse pranto.  
 Sim , eu choro comvosco : á minha custa  
 Aprendi a carpír essas desgraças ...  
 Triste lembrança , ainda me persegues !

E

Hia

---

(1) Chorando , e com a cabeça inclinada sobre as  
 mãos , que tem juntas.

Hia perdendo o acordo , Irmã... e eu devo  
 Suster a compaixão , que vos desculpa.  
 A voz do meu sagrado Ministerio  
 Com lástima vos mostra o precipicio  
 A que proxima estais. Arrancaí d'alma  
 O pernicioso amor , cujos transportes  
 ( Ainda os mais suaves ) são furores.  
 He crime muitas vezes , he fraqueza  
 Quasi sempre , e he em vós hum attentado  
 Contra o Ceo. Minha Irmã , já vo-lo disse :  
 Deos só deve attrahir nossas vontades ,  
 Reinar , viver em nós , desvanecer-nos  
 Estas quiméras , e illusões do mundo ;  
 Em Deos , sómente em Deos , he que se funda  
 O puro amor , e a sã felicidade...  
 E vós , vós sua Esposa , á Face d'elle  
 Perjura conservais profanos laços !  
 O Sacratio , ondé jáz , onde repousa , (1)  
 E este Claustro , esse véo , tudo , em fim , tudo  
 Como que quer fallar para accusar-vos ;  
 Tudo a vossa ignomia , e vosso pranto  
 Conduz ao Tribunal de hum Deos zeloso :  
 Elle contas vos pede , ergue a balança ,  
 Péza os favores seus , vossas fraquezas ,  
 Desatinos , traições : ah ! Que resposta  
 Lhe dareis ?

EUFEM. (1)

Esperai , santo Ministro.

Que

(1) Apontando para o Altar.

(2) Perturbada.



Que me cumpre fazer para applacallo?  
 Dizei, dizei: que eu me resigno a tudo.

*T H E O' T.*

Esquecer esse objecto... (1)

*E U F E M.*

Ah! Esquecêllo!

*T H E O' T.*

Consumir té ao mínimo vestigio  
 De huma imagem tão cara, e tão nociva  
 A vosso coração; n'uma palavra,  
 Remover, desterrar tudo o que póde  
 Nutrir essa paixão peccaminosa,  
 Fazer-vos mais difficil o triumpho.

*E U F E M.*

Do Mundo, e dos sentidos affastada,  
 Ao pé do meu sepulcro, em ais desfeita,  
 Sem offender o Ceo guardar não posso  
 De hum amor infeliz os testemunhos?

*T H E O' T.* (2)

A minima lembrança he hum delicto.

E ii

*E U F E M.*

---

(1) Enternecido.

(2) Em tom compassivo.

## EUFEM. (1)

Pois não quero enganar o Deos, que me ouve.  
 Sim, cruel... arrancai-me o coração. (2)  
 Eis estes monumentos... da mais viva,  
 Da mais doce ternura, eis estas Cartas, (3)  
 Ainda humedecidas de meu pranto,  
 Guardadas atégora... no meu peito,  
 E unico allivio de hum amor funesto...  
 He preciso (ai de mim!) que eu perca tudo,  
 He preciso apurar o meu tormento. (4)  
 Tomai-as, mas de balde as sacrifico,  
 Que no meu coração as trago escritas...  
 Ah! Morrerei de as dar... mas não importa:  
 A minha morte, oh Ceo, ha de abrandar-te.  
 Lêde, lêde, e julgai se amar devia... (5)  
 Não respondeis!... Fallai... Senhor... minha  
 alma... (6)  
 Ai! Tem no rosto a pallidêz da Morte!..  
 Deos, castigallo-has tu por apiedar-se  
 Das minhas afflicções? He necessario (7)  
 Soccorrêllo... (8)

Sin-

- 
- (1) Com fervor e intrepidez.  
 (2) Leva a mão ao peito.  
 (3) Tira do peito hum maço de Cartas.  
 (4) Dando-lhe as Cartas.  
 (5) Em quanto ella diz estes ultimos versos, Theótimo olha para as Cartas, e desmaia sobre a cadeira.  
 (6) Levanta o véo.  
 (7) Corre para elle.  
 (8) Theótimo tem agora a cabeça inteiramente fóra do habito.



Sinval! Não posso... eu morro. (1)

*T H E O' T.* (2)

Torno a ver o meu bem! Constança he viva!

Eu estou a seus pés! Embora, embora (3)

Se scandalize o Ceo: meu juramento,

Minha prizão, meus votos se quebrarão.

Oh santa Religião!.. Já não te attendo.

*E U F E M.* (4)

Sinval!.. E's tu! Sinval!.. (5)

*T H E O' T.* (6)

Sim, minha amada,

Sim, sou eu que te adoro, eu, que ha dez annos,

Consumido de amor, e de tristeza,

Não deixei de carpír-te hum só momento;

Sou eu, sou eu, meu bem, que ao menos quero

A teus pés expirar.

*E U F E M.* (7)

Ai triste! Aonde

Nos

(1) Vai tambem cahir desmaiada sobre a cadeira.

(2) Tornando a si pouco a pouco, abre em fim os olhos, volta-os para Eufemia, e corre arrebatadamente a lançar-se a seus pés, pegando-lhe na mão, que baha de lagrimas.

(3) Com fúror.

(4) Recobrando os sentidos.

(5) Ella recahe no mesmo desfalecimento.

(6) Ainda a seus pés.

(8) Olhando em roda.

Nos reúne o Destino! Sem podermos  
Dispôr de nós... Morreremos juntos.

*T H E O' T.*

Não, tu não morrerás, não, vive... vive  
Para ver-me adorar tuas virtudes,  
Teus encantos...

*E U F E M.*

Que dizes, desgraçado?  
Que insania! Treme, e vê quem nos separa.

*T H E O' T. (1)*

Tornaremos a unir-nos, tornaremos. (2)  
Sem me esquecer de ti, fui cativar-me.  
Triste, e falsa noticia acreditando,  
Sim proferi no Altar hum voto acêrbo;  
Porém o meu primeiro juramento,  
Dos juramentos meus o mais sagrado  
Foi adorar-te sempre... e hei de comprillo.

*E U F E M. (3)*

Amarmo-nos! Ardermos n'um profano,  
Abominoso amor, que os Ceos affronta!  
Que intentas?

*T H E O' T.*

(1) Erguendo-se arrebatadamente.

(2) Em tom acelerado.

(3) Erguendo-se.



## THEO'T. (1)

Inda ser mais criminoso ;  
 Romper todos os laços , que me opprimem ;  
 Remir hum coração que te pertence ;  
 Excitar-te a sahir de férreo jugo ;  
 A deixar neste Carcere penoso  
 Gemer tuas Irmãs , essas Escravas ;  
 Arrancar-te daqui , cruzar os Mares ;  
 Correr , se for preciso , ao fim do Mundo ;  
 Buscar algum remóto , escuro sitio ,  
 Hum rochedo escarpado , ou erma gruta ,  
 Onde , desoprimindo os meus desejos ,  
 Contente de te amar , e todo entregue  
 Ao téрно , ao deleitoso sentimento ,  
 Que enfeitiça a minha alma . eu póssa , eu póssa  
 Dar-te á face dos Ceos , a mão de Esposo . (2)  
 Sim , a propria verdade he que ha de unir-nos :  
 O suave Hyminêo foi a primeira  
 Precisão ! que sentio a Natureza .  
 Ella nos prestará seus benficios ,  
 E para conservarmos nossos dias  
 Não nos hade , meu bem , ser necessario  
 Sollicitar a languida Piedade ;  
 Soberbos Corações em paz deixemos  
 Gozar de huma riqueza insultadora .  
 Viviremos , Constança , viviremos  
 Izentos da baixeza , e da penuria .

Amo

(1) Com todo o furor da paixão

(2) Com vivacidade.

Amo: espera de mim todo o possível.  
 Nenhum estado he vil para quem pensa;  
 A vileza consiste só no crime.  
 Minhas mãos... minhas lagrimas o seio  
 Da Terra abrandarão, que, a ti propicia,  
 Ha de corresponder aos meus suores.  
 O nosso Protector, o Eterno, o Justo,  
 O Amigo, o Pai de todos, as primicias  
 Terá dos nossos simples trabalhos.  
 Cada vez mais fieis, mais fervorosos,  
 Mais felices, mais ténos, louvaremos  
 Hum Numen bemfeitor. Os nossos Filhos  
 Hão de este puro obsequio repetir-lhe:  
 A amallo como Pai lhe ensinaremos.  
 Confiemo-nos, pois, no Sacrosanto  
 Senhor dos corações, Senhor de tudo,  
 Que alimentou sem dúvida atégora  
 Hum innocente Amor. Antes que o Mundo  
 Sentisse a conjugal necessidade  
 Minha alma por Destino era já tua.  
 Oh Deos! Ouso attestar tua Grandeza (1)  
 Sobre este mesmo Altar. (2)

Eis, eu o juro,

Eis a Esposa, a quem amo, a quem me entregão,  
 Me ligão para sempre o Ceo, e a Honra.  
 Vem, segue-me. (4)

EUFEM.

(1) Depois de estar callado hum pouco.

(2) Põe huma das mãos sobre o Altar, e com a outra péga na de Eufemia.

(3) Para Eufemia.



*EUFEM.* (1)

He Theótimo quem falla?

*THEO'T.*

Não ; quem falla he Sinval... o amor furioso.

*EUFEM.*

Que me propões!

*THEO'T.*

O bem , e o gosto de ambos.

*EUFEM.*

Dize a ignominia. Ah! Eu , que desespero ,  
Que deliro , que morro de ternura ,  
Eu he que hei de salvar tua virtude  
De huma indigna fraqueza ; desviar-te  
Do horrivel precipicio , a que caminhas ,  
E recordar-te as Leis , as Leis sagradas ,  
Que infringes ? Sahe daqui. (2)

*THEO'T.* (3)

Ouve-me , escuta...

*EUFEM.*

Ah! Vai-te , não te atendo. (3)

*THEO'T.*

(1) Parando.

(2) Dá alguns passos para se retirar.

(3) Seguindo-a.

(4) Desviando-se.

THEO'T. (1)

Has de attender-me...

EUFEM.

Vai , parte , foge... atónita a minha alma...  
 Voto , escrito no Ceo , queres que abjure ?  
 Não : sóme-te , infeliz , nem mais me vejas ,  
 Não deixes nem vestigio de teus passos ,  
 Võe da minha idéa até teu nome...  
 Caro Amante.. que disse..! Ah ! Hé forçoso  
 Separar-nos ; a Deos... vai , foge... deixa  
 Que eu morra , e... vive tu para chorar-me ;  
 Vive , deixa-me... sê fiel Ministro  
 Dó Senhor. (2)

THEO'T.

Não te deixo , inda que hum raio  
 Me abraze. (3)

EUFEM.

Que cegueira ! Ah desditoso !  
 Que queres ?

THEO'T. (4)

Ou morrer , ou possuir-te.

ACTO

- (1) Seguindo-a.  
 (2) Da alguns passos , e para.  
 (3) Eufemia corre para o fundo do Lheatro , e Theóti-  
 mo corre para ella furioso.  
 (4) Seguindo-a sempre.





## ACTO III.

Ergue-se o panno. O Theatro representa hum Carneiro como os que ha ainda nas nossas Igrejas antigas. Nelle se descobrem muitos Tumulos de diferentes fórmãs, alguns arruinados pelo tempo; Sepulchros meios abertos, cujas pedras estão em grande parte quebradas; as paredes cheias de Epitafios; a hum dos lados da Scena ha huma escada com grades, ou balaustres de pedra; defronte da escada huma abobada subterranea, e escurissima. Na extremidade do Carneiro se descobrem tambem outros Sepulchros, e Pilares, que tem em cima Urnas; emblema da Eternidade: huma destas Columnas está á boca do Theatro. Notar-se-ha, que os Sepulchros ficão nos lados da Scena, para não occultarem ao Espectador cousa alguma da Acção, que se finge na alta Noite.

### SCENA I.

*EUFEMIA* apparece no tôpo da escada, com huma luz na mão, e extremamente anciada. Olha á roda de si, ergue os olhos para o Ceo, caminha, tremendo, desce alguns degrãos, torna a olhar para o Ceo; encosta-se, como opprimida pela afflicção, primeiro com huma das mãos, depois com a cabeça nas grades da escada; á força de grandes impulsos tenta retroceder; cahe em hum dos degrãos, dando hum gemido, fica alguns instantes nesta  
 sí-

*situação dolorosa , levanta-se , continúa a descer com a mesma perturbação , e dá alguns passos pela Scena.*

E U F E M I A.

**R** Odeada de Tumulos... de horrores ,  
 Quasi sem tino... trémula... indecisa...  
 Do Remórso... e do Inferno acompanhada...  
 Pelo clarão... da Morte... os passos guio... (1)  
 Porque , porque não vem ferir-me ainda? (2)  
 Que promessa , meu Deos ; soltei da boca  
 Soltei do coração ! E inda respiro !  
 Ceos ! Prometi... amar... quebrar... meu voto !  
 Hoje... logo o maior dos meus delictos  
 Ha de ser consumado ! Eu fujo , eu deixo  
 O santo Asylo meu ! Sinval por esta  
 Sombria , horrenda Abobada , que fóra (3)  
 Dos Claustros vai findar , favorecido  
 Da escuridade , e solidão da Noite ,  
 Ha de vir ter comigo , e para sempre  
 Esquecido de si , do meu estado ,  
 De Deos , do mesmo Deos , ha de roubar-me...  
 E para sempre !.. E a hora... a hora he esta !  
 Oh momento fatal , que me horrorisa !  
 Desertora do Altar , perdida Amante ,  
 Accuso minhas mãos de vagarosas

Por

(1) Dá alguns passos.

(2) Põem a luz sobre hum Sepulcro de fôrma quadrada ; encosta nelle as mãos , e a cabeça por algum tempo , ergue-a depois , deixando huma das mãos sobre o Sepulcro , e olhando para o Ceo.

(3) Voltando os olhos para a Abobada.



Por me não terem arrancado ainda  
Da fronte sem pudor este véo sacro,  
Veneravel penhor de huma fé pura;  
Eu vou substituir-lhe os vãos enfeites  
Da Traição, do Perjúrio, os sinais todos  
Do errado Mundo, e da Arte seductora,  
Indignos monumentos do meu crime,  
E da minha deshonra! Vagueando  
De Clima em Clima, estranha em toda a parte,  
E desprezível a meus proprios olhos,  
Eu me expôngo, eu me arrisco, eu me sujeito  
Aos males da desgraça, e da ignominia,  
Ao Destino do Apóstata, á funesta  
Precisão de abjurar a minha Patria,  
Meu nome, a probidade, e até... Deos mesmo.  
Dada a cégos delirios, abandono  
Minha Mãi, de quem eu com meus desvélos  
Mantinha a vida, consolava as mágoas;  
Deixo a morrer de dor, e de penuria... (1)  
Quem se esquece de Deos, da Mãi se esqueça...  
Não, lembre-me o dever, e o juramento...  
Oh Deos! O teu Poder em mim recobra,  
Triunfa de Sinval, subjuga Eufemia,  
E... di-lo-hei?... Só a ti prende a minha alma.  
Não me exprimentes mais... Deos soberano,  
Poderás tu soffrer Competidores?  
Anniquila a traição da insana Amante,  
E da Esposa leal a fé reanima;

Ce-

---

(1) Affasta-se do Sepulcro arrebatadamente, e vem ao meio do Theatro.

Ceda ao sagrado amor o amor profano ;  
 Ou decreta o meu fim , manda que eu morra... (1)  
 Morrerei , morrerei , que não ne custa  
 Perder de infausta vida o resto inutil...  
 Mas perder meu amor , Sinval ! Perder-te !  
 Negar meu coração aos teus affagos ,  
 Privar-me do prazer de ser só tua ,  
 De fazer-te feliz , de consolar-te ,  
 De te amar sempre mais !.. Não he possível.  
 Apura o teu rigor , oh Deos severo ,  
 Dóbra-me as afflicções , tira-me a vida ,  
 Que não has de apagar minha ternura... (2)  
 Ah ! Mulher cega ! Aonde te arrebatas  
 Hum frenesi , que os raios desafia ?  
 Atréves-te a dizer , que a Mão do Eterno  
 Não póde reprimir o ímpeto , o fogo  
 Da paixão , que os sentidos te rebella !..  
 Elle já te não quer por sua Esposa ;  
 Farto de te soffrer , de si te expulsa ;  
 Não julgues , que he contigo o que era d'ante :  
 He teu Senhor , he hum Juiz supremo ,  
 Que profere , colérico , a Sentença  
 Da tua morte. Espera , Deos terrivel...  
 Mas que ! O coração sem aggravar-te (1)  
 Não póde aproveitar sua existencia ,  
 Dar-se ao prazer de amar , de ser amado !  
 Quem accendeo o amor não foi teu sôpro ?  
Sim

(1) Com ímpeto.

(2) Vem ao meio da Scena , unindo as mãos , e erguendo-as logo para o Ceo.

(3) Com ternura.



Sim, sim, tu o creaste em nossas almas  
 Para nos consolar, para enxugar-nos  
 As lagrimas, e dar mais preço á vida.  
 Tudo nos annuncia a Magestade,  
 A Perfeição de hum Deos, sua Grandeza,  
 Seu Poder; mas o amor, o amor sómente,  
 He quem nos faz sentir sua Bondade.  
 Adoro o meu Senhor, preza a teu Jugo;  
 Mas de Sinval a Esposa te amaria  
 Talvez mais... (1)

ah sacrílega! Prosegue,  
 Insulta, insulta os Ceos... ludibrio triste  
 De hum coração, perdido em seus desejos,  
 Já não sei da Razão, de balde a busco... (2)  
 E ainda não vem Sinval!..! ah! Não, não venha, (3)  
 Fuja-me... para sempre... e eu o desejo!  
 Não quero vello mais! Eu! Oh ternura!  
 Oh dever! Oh Sinval! Oh Deos! No crime,  
 No ímpio crime recaio a cada instante,  
 E á guerra dos indómitos sentidos  
 Não póde resistir minha fraqueza... (3)

## SCE-

- 
- (1) Dá alguns passos.  
 (2) Encaminhando-se para a Abobada.  
 (3) Torna para o pé do Sepulcro.  
 (4) Cahe como desfalecida, estendidos os braços  
 sobre hum dos degrãos do Sepulcro.

## SCENA II.

*EUFEMIA, THEÓTIMO.* (1)

*THEO'T.*

**M**Eus olhos inquietos em vão buscão  
 Constança; quem ma esconde?.. Mas que vejo!  
 Em que estado... (2)

*EUFEM.* (3)

Ai! E's tu?..

*THEO'T.*

Sou eu. querida,  
 Sou eu, o teu Amante, o teu Esposo,  
 Que para sempre as lagrimas te enxuga.  
 Porque estás tão afflicta, e consternada  
 Neste instante feliz?

*EUFEM.* (4)

Porque?

*THEO'T.*

(1) Vê-se vir sahindo da Abobada, e avizinhar-se com todas as mostras de inquietação. Adianta-se, e lança os olhos para toda a parte. A Scena está frôxamente alumiada.

(2) Vendo-a, e correndo para ella.

(3) Como tornando a si da oppressão em que estava.

(4) Olhando-o com ternura.



THEO'T. (1)

Fujamos  
De hum lugar, tão terrivel, tão funesto:  
Tudo está prompto já.

EUFEM. (2)

Tudo está prompto!

THEO'T.

Recobra a liberdade, ergue-te, vamos; (3)  
Alguns fiéis Amigos nos esperão.  
Vê, que a minha ventura, a minha vida  
Dependem só de ti; não te demores... (4)

EUFEM. (5)

Sinval!..

THEO'T.

Suspiras! Choras! E não queres  
Tocar a minha mão!.. Tu prometteste...

EUFEM.

Eu prometti... morrer.

F

THEO'T.

- (1) Offerecendo-lhe a mão.  
 (2) Com perturbação.  
 (3) Ergue-a.  
 (4) Quer pegar-lhe na mão, e Eufemia foge com ella.  
 (5) Encostada ao Sepulcro, e olhando chorosa para Sinval.

THEO'T.

Meu bem, minha alma,  
 Já não ardes como eu? Já me não amas?

EUFEM. (1)

Ah cruel! Ah Sinval! Querido Amante...  
 Só Deos he teu Rival, só Deos.

THEO'T.

Que intentas  
 Dizer nisso? Não és a minha Esposa?

EUFEM. (2)

Sou a Esposa de hum Deos, que me prohi-  
 be Ser de outrem.

THEO'T.

Porque não Elle me fere!  
 De que fallas? De hum nó, que o artificio,  
 Que a perfidia, ligando-se á justiça,  
 Que hum engano, tramado iniquamente,  
 Te induzio a apertar contra teu gosto!  
 Antes, que a Deos te consagrasses  
 Tu me deste palavra de ser minha;  
 Desmente-me.

EUFEM.

He verdade, eu desejava

Em

(1) Olhando para elle com a maior ternura.

(2) Affastada do Sepulchro.



Em ditoso Hyminêo contigo unir-me ;  
 Mas dize-me , responde : se Constança ,  
 Conduzida aos Altares por violencia ,  
 A outro dêsse a mão , que tu reclamas ,  
 E se a elle o dever me submettesse ,  
 Inda que a meu pezar , para annullares  
 Esta união , Sinval , que jus terias ?

## T H E O' T. (1)

O jus mais bem fundado , o da vingança :  
 Ao aggravado amor licito he tudo ;  
 Nem no teu coração me escaparia  
 O cruel Roubador... sim , alli mesmo  
 Cem vezes hum punhal lhe enterraria...  
 Mas este Deos , que adoro , a quem o Mundo  
 Em damno meu faz complice de crimes ,  
 Este Deos , que á boçal Credulidade ,  
 A' sagaz Impostura he hum pretexto  
 De rigor , de dureza ; este , a quem chamão  
 Indulgente , ou feróz , conforme o querem ,  
 Com ira vê dos Ceos Almas grosseiras  
 Atribuir-lhe os erros , que são dellas ,  
 E cousagrar manias em seu Nome.  
 O Immenso não forjou estas cadêas ,  
 He , he desagradavel a seus olhos  
 Este jugo em que estão tantos Escravos ;  
 Hum natural , hum voluntario culto ,  
 E não votos forçados , são o Incenso (2)  
 Puro . e grato , que sóbe até seu Throno.

F ii

In-

(1) Com furor.

(2) Rápidamente.

## 84 ACTO III. SCENA II.

Ingrta, era este Deos, este Deos justo  
 Quem, guiando-me a ti, quem, terminando  
 Nossas penas, queria em brandos laços  
 Converter-nos as rígidas correntes;  
 Elle para teus braços me attahia,  
 Nossa união constante elle ordenava,  
 Elle... tu não me attendes, e chorando... (1)  
 Senhora da minha alma, oh cara Esposa!  
 Vê que morro de amor, não me resistas; (2)  
 Vamos, não esperemos, que amanheça;  
 Entrega-te a Sinval, que te idolatra,  
 Fugamos, sim, fugamos... (3)

Continúas

Na mesma repugnaucia..! Ah! Verdadeiro  
 Nunca foi teu amor; porém devias, (4)  
 Tyrranna, sem lisonja, e sem disfarce  
 Mostrar-me hum coração, que folga tanto  
 Com meu tormento horrivel, sim, devias  
 Oppôr-te ao vivo ardor, que me consome,  
 Rebater, destruir o meu projecto,  
 Saciar o teu odio, gloriar-te  
 Dos duros laços, que teceo o Inferno,  
 Dizer-me, em fim... que já me aborrecias,  
 Que fazer-me infeliz era o teu gosto,  
 Que a morte mais cruel me desejavas... (5)  
 Ah

- 
- (1) Com ternura.  
 (2) Péga-lhe na mão.  
 (3) Eufemia o deixa, e vai encostar-se á Columna,  
 que está a boca do Theatro; Theótimo a segue.  
 (4) Tornando para o meio da Scena.  
 (5) Com ternura.



Ah Constança ! Estes golpes tão terríveis... (1)  
 Tu, tu he que mos das!

E U F E M. (2)

Querido Amante...

Ouve., escuta., e não creias, que Constança  
 He capaz de fingir. Cedendo á força  
 Da paixão, que me abraza, e me envenena,  
 Sim, tudo prometti, e a teus desejos  
 Tudo sacrificava, resoluta  
 A seguir-te, e insensivel aos perigos,  
 Aos ameaços do Mar, não duvidava  
 Até ao fim do Mundo acompanhar-te;  
 Levar queria meu amor constante  
 Aos Desertos mais tristes, mais sombrios,  
 Que contigo agradaveis me serião,  
 Esquecia por ti meu juramento,  
 Meu dever, minha vida deploravel,  
 A virtude, o socego, a Patria, a honra,  
 Mil vezes mais preciosa do que a vida,  
 Tudo, em fim, até Deos, que sempre ultrajo!  
 Para maior desgraça agora mesmo  
 Mais que nunca, Sinval, te amo, te adoro:  
 Digo-o a este lugar, que a Morte habita,  
 Ao Ceo, de quem já sinto arder os raios...  
 Hindo para cahir desacordada  
 No horrendo Abyfmo, abrirão-se meus olhos,  
 Vi... o meu crime atróz. Debalde clamas  
 Con-

(1) Chora.

(2) Tornando para elle apressadamente.

Contra o poder de hum laço veneravel,  
De hum nó, que a Religião, que a Lei consa-  
grão. (1)

Sê meu Juiz, Sinval; para ti mesmo  
Appello; sentencêa, ousa esquecer-te  
De que o Arbitro meu he meu Amante,  
Ousa affastar o amor de teus sentidos,  
Por elle subornados, e consulta  
Tua razão, dez annos de virtudes,  
Dez annos, que hum só dia, hum só momento  
Vai destruir. Tu amas a justiça,  
Amas a probidade; eia, decide:  
Sinval, eu contratei com Deos, Deos mesmo  
Nos seus Altares acceitou meu voto;  
E tu, tu quererias, que, a despeito  
Do juramento, que tão mal observo,  
Com infame traição, longe das Aras,  
O solemne contrato desfizesse! (2)  
Bem basta, grande Deos, para accender-te  
A pavorosa Cólera, bem basta  
C'um adultero obsequio profanar-te,  
Nutrir a propensão para o perjurio,  
Sem aggregar a audacia a meus delictos.  
Não, Sinval, não te sigo; eu hei-de ao menos  
Respeitar a cadeia, que me liga,  
Soffrêlla, até que os Ceos em fim se dignem  
De abaffar esta chamma criminosa,  
De apagar na minha alma a tua imagem,

Ou

---

(1) Em tom grave.

(2) Dá alguns passos olhando para o Ceo.



Ou de ordenar que a Morte me sepulte,  
 E sepulte comigo a minha affronta.  
 Se amas Constança, atreve-te a imitalla;  
 Contém o amor, e lida por vencello;  
 Neste esforço eu te admire, e tu me admires;  
 Do lethargo, em que jaz tua virtude,  
 He tempo de acordalla; ao Ceo te volve,  
 E mostra-me Theótimo: este nome  
 O teu dever, Sinval, e o meu te ensina;  
 Fallarão-te ambos já; mais nada escuto:  
 Eu devo a Deos, sem dúvida, esta força;  
 Poderei recahir... livra a minha alma...  
 Livra-me... de mim propria... ah! Que pro-  
 firo!... (1)

Sinval! Do meu amor sei a violencia,  
 Vai te... a Deos... separemo-nos... sahe, foge  
 Pelo mesmo lugar... que em meu desdoiro  
 Te deo entrada aqui... (2)

soffre, que eu tenha  
 Sobre meu coração este dominio...  
 A Deos...

## THEO'T.

O meu caminho não he esse, (3)

Féra. (4)

EUFEM.

(1) Em quanto ella tem repetido a maior parte destes versos, Theótimo tem dado sempre diversas mostras de agitação.

(2) Chegando-se á Abobada.

(3) Apontando para a Abobada, e correndo furioso pelo Theatro.

(4) Torna a traz.

EUFEM.

Que dizes tu? Que he o que intentas? (1)  
 Teus olhos inflamados!... Onde corres? (2)  
 Ah Sinval! Onde vás?

THEO'T. (3)

Satisfazer-te.

EUFEM.

Que!..

THEO'T. (4)

Matares Sinval tu crês que he pouco;  
 Julgas leve castigo a minha Morte;  
 Tua barbaridade exige, ingrata,  
 Sacrificio maior para fatar-se:  
 Queres que, sem morrer, em mim reúna  
 Os males mais cruéis, e mais horriveis,  
 Os tormentos do Inferno, eterna morte.  
 Tu sabes, tu conheces os furores  
 De alguns desses Espiritos sagrados,  
 Que se nutrem de incenso, e fel a hum tempo...  
 Corro a sacrificar-me á furia delles,  
 Corro a mirrar-me em lobrega Masmorra,  
 A desfazer-me em lagrimas continuas,

A

(1) Elle corre para a parte anterior do Theatro.  
 Eufemia o segue.

(2) Elle se chega para a escada, e ella corre para elle.

(3) Voltando-se.

(4) Com impeto.



A maldizer alli minha existencia...  
 Võem daquelle horror, grato á Vingança,  
 Võem de lá meus lúgubres clamores  
 A teu duros ouvidos, e te arranquem  
 Vão arrependimento! Eu levo, eu levo  
 Meu coração a corações de bronze,  
 Para que o seu rigor nelle requintem:  
 A confissão sincera do meu crime  
 Ha de atear-lhe a cólera, ha de armailos  
 Em nome do seu Deos, de hum Deos zeloso.  
 O Claustro, que só victimas cobiça,  
 O Claustro saberá meus erros todos,  
 Todos os meus delictos; vou dizer-lhe,  
 Que julguei Religião, fervor Celeste  
 Minha paixão, que, em fim, quando suppunha  
 Render á Divindade hum fiel culto  
 Adorava sómente a tua imagem:  
 Saberá que tentei quebrar seus ferros,  
 Que gemi a teus pés sem commover-te,  
 Que tens huma alma barbara, insensivel,  
 Que... de afflicção, de amor, de raiva morro;  
 E já vou... (1)

EUFEM. (2)

Ah! Detem-te.

THEO'T. (3)

Em vão o esperas.

EUFEM.

(1) Encaminhando-se para a escada.

(2) Querendo detello.

(3) Andando sempre.

EUFEM. (1)

Ouve...

THEO'T.

Dei-xamé, ingrata...

EUFEM.

Ah! Não me mates.

Cruel, tens coração para aterrar-me? (2)

Vê Constança a teus pés, banhada em pranto;

Não me consternes mais.

THEO'T. (3)

O irresistível

Poder das tuas lagrimas conheces. (4)

Já cedo... porém (5)

cumpre o meu desejo... (6)

Olha o pranto, olha a dôr, olha a ternura

Com que beijo teus pés, com que te imploro... (7)

Vem, fujamos daqui, meu bem, fujamos.

EUFEM. (8)

Que queres?

THEO'T.

(1) Seguindo-o.

(2) Lança-se-lhe arrebatadamente aos pés.

(3) Erguendo-a.

(4) Olhando-a amorosamente.

(5) Tornando para o meio da Scena.

(6) Arroja-se-lhe aos pés.

(7) Ergue-se apressadamente, e aperta-a nos braços.

(8) Chorando.



THEO'T.

Minha dita.

EUFEM.

Minha morte.

THEO'T.

Ah! Dize a minha, se não vens ainda. (1)

EUFEM.

Que lance! Que combate! Que martyrio!  
 Oh minha Religião!.. Eu morro... espera,  
 Escuta-me, Sinval. Inda não sabes (2)  
 Que hum triste azar, hum subito infortunio  
 Trouxe a esta Clausura ha poucas horas  
 Minha Mãi?

THEO'T. (3)

Tua Mãi! Que nome! A causa  
 Das nossas afflicções, dos nossos males!

EUFEM. (4)

Não, ella já mudou de sentimentos;  
 Sinval! He minha Mãi... ah! se fugimos  
 Fica exposta aos horrores da penuria.

THEO'T.

(1) Puxando-a para a Abobada.

(2) Parando.

(3) Com assombro, e indignação.

(4) Enternecida.

## THEO'T. (1)

Tu fallas em Parentes c'um Amante ,  
 Comigo , que de nada me recórdo ,  
 De nada senão tu , que te idolatro ,  
 Que nunca idolatrei senão Constança !  
 Ah ! Que não tens huma alma igual á minha.  
 Não receies , que a mísera Indigencia  
 Afflija tua Mãi. Eu te prometto ,  
 Que , apezar da distancia em que estivermos ,  
 Havemos de valer-lhe , soccorrêlla ,  
 E... vamos , foge o tempo , e já por estas  
 Abobadas gretadas se conhece (2)  
 Que o dia vem nascendo.

## EUFEM.

Eu ser perjura !..

Não posso ... não .. (3)

## THEO'T.

Jágora não me abrandas ;  
 Daqui , a teu qezar , hei-de arrancar-te. (4)

## EUFEM.

- 
- (1) Tendo parado com Eufemia.  
 (2) Puxando-a.  
 (3) Cahe sobre os joelhos , erguendo as mãos para  
 Theótimo , como rogando-o.  
 (4) Ergue-a com violencia , e caminha para a Abobada.



EUFEMIA (1)

Que fazes?... Ah Sinval... meu Deus!... Eu morro... (2)

Nas tuas ímpias mãos meu véo se rompe...

Espera... Oh Ceos!... A Terra me devora. (3)

SCENA III.

EUFEMIA, THEÓTIMO, SOFIA, a  
CONDESSA, CECILIA.

S O F. (4)

**T** Heótimo!

COND.

(1) Chorosa.

(2) Desordena-se-lhe o véo.

(3) Huma das sepulturas, que estão na Scena, se abre debaixo dos pés de Eufemia; parte-se a campa, e cahe com estrondo; Eufemia vai com ella, e fica com meio corpo dentro do Sepulcro. A Condessa apparece na escada com huma luz na mão, e conduzida por Sofia.

(4) Encarando ambas nelle.

COND. (1)

Sinval! (2)

EUFEM. (3)

Deos me castiga,  
 Derribou-me seu Braço Omnipotente,  
 Chamou-me aqui para julgar meu crime,  
 E aqui mesmo destróe minga existencia,  
 Aqui mesmo (ai de mim!) pôz o limite  
 Dos attentados meus, dos meus delirios:  
 Seculos de tormentos já começão  
 A rolar para mim... a Eternidade...  
 A Eternidade horrivel se me antólha...  
 Neste lugar medonho espero a morte...  
 Já tenho aberta a minha sepultura... (4)  
 Vai-te, homem criminoso, homem funesto,  
 Foge, e meu fim terrivel te abra os olhos.  
 Não sentiste nessa alma endurecida,  
 Não sentiste da Campa o baque horrendo!  
 Não viste a Mão de Deos despedaçalla  
 Debaixo de meus pés! Veio Elle mesmo  
 De teus profanos braços arrancar-me;  
 Elle me arremessou neste Sepulchro,

Pa-

- 
- (1) Escapa-lhe a luz da mão, e cahe nos braços de Sofia.  
 (2) Cecilia abre huma porta, que diz para a Abohada,  
 e recúa assustrada. Eufemia, e Theótimo estão cheios  
 de terror, e isto faz com que não vejão os outros.  
 (3) Tornando hum pouco a si.  
 (4) Theótimo a quer erguer, e ella o affasta de  
 si com indignação.



Para o seu Tribunal Elle me cita,  
 E comigo te arrasta; não, não has de  
 Escapar-lhe da Espada vingadôra...  
 Elle ameaça, o golpe está cahindo;  
 A sua Tocha eterna te persegue  
 Por entre estes horrores, e estas sombras;  
 Observa, treme, lê tua sentença  
 Nesses funéreos Marmores escrita...  
 Eis o Raio... eis o Raio... elle rebenta,  
 Elle cahe sobre nós... o Inferno se abre...  
 Oh Sinval, que Fantasmas horrorosos!  
 Milhões de Espectros ante mim voltêão;  
 Congregárão-se aqui todos os Mortos,  
 Surgirão contra mim da sepultura:  
 Aferrão-me... esperai, eu vou convosco,  
 Vou misturar co' a vossa a minha cinza;  
 Cessem de me accusar vossos lamentos...  
 Do Ceo não ha de a Colera appacar-se!  
 Oh Senhor do Universo! Oh Rei Supremo,  
 De soffrer-me cançado! Em mim sómente  
 Entorna o Calis das Vinganças tuas! (1)  
 De Sinval, oh meu Deos, teu raio affasta,  
 E hum remórso efficaz lhe expie a culpa. (2)  
 Ah Mãi, querida Mãi! Chegai, valei-me...  
 Sim, vós vêdes Sinval, que eu amo ainda.  
 Minha Mãi, neste instante... eu vos fugia,  
 E violava os meus votos para sempre...  
 Deste sagrado Asylo eu caminhava

Pa-

(1) Com ternura.

(2) Voltando-se, vê a Condessa.

96 ACTO III. SCENA III.

Par o meu precipio, eu seduzia  
 A Sinval para socio do meu crime...  
 Eu o obrigava... Deos, Deos, vagaroso  
 Em vingar-se de mim, veio arrojar-me  
 Em fim neste Sepulcro... e nelle quero  
 Morrer. (1)

C O N D.

Oh Ceos!

T H E O' T. (2)

Contempla o que fizeste. (3)

E U F E M. (4)

Ainda estás aqui! Ah! Que mais mais queres?  
 O Ceo ameaçará sem que te abale?  
 De triunfar de nós não he já tempo?  
 Réos, crédoros do Anáthema espantoso,  
 Rebeldes sempre a Deos, esperaremos,  
 Que o Trovão, que resôa, em nós estale?  
 Esperaremos o momento horrivel,  
 Em que ardente, penosa Eternidade,  
 Vingando o Ceo, nos suma, nos devôre?  
 Da justa punição, que nos prepara,  
 Elle já me avisou: Sinval! Ah! Cêde  
 A' minha vóz, á vóz do teu remorso,

A'

- 
- (1) Lança-se sobre a campa, e abraça-a impetuosamente.  
 (2) Para a Condessa.  
 (3) Todas as personagens ficam algum tempo em silencio profundo.  
 (4) Olhando para Theótimo; e erguendo-se com furor.



A' vóz da Religião , ás Leis Divinas ,  
 A Constança , ati mesmo ; eu te confesso  
 Pela ultima vez , que ainda te amo ,  
 Mas que esta revoltosa sympathia ,  
 Que o menor sentimento de ternura  
 Devo , e quero abaffar. Se amor... que disse !  
 Se piedade te move ; se em teu peito  
 Tem poder minhas lagrimas ainda , (1)  
 Permite-me , que leve ás santas Aras  
 Meu pranto , meus remórsos , meus martyriós ,  
 E que me sacrifique ao Ceo , que offendo ...  
 Tu choras , tuas lagrimas me acodem ,  
 E te fallão por Deos , que te abre os braços ,  
 Que ao coração te volve . . . ah ! Não lho feches ,  
 Sinval , vai a seus pés depôr teus males ,  
 Vai... o arrependimento a Deos gloria ,  
 Ha de a nossa amargura enterneçello ,  
 Ha de applicar-se ; demos mais hum passo  
 Para Deos , e o perdão he infalivel.

## THEOT. (2)

Triunfou , tens na boca a sua Graça ;  
 Já cedo a seu Poder : para abrandar-me  
 De ti se serve , e tu me restitúes  
 Ao dever , aos Altares , a mim mesmo ,  
 A dez annos de rígidas virtudes ,  
 Que sem ti perderia. Em vão repugna  
 Meu coração , debalde quer oppôr-se ,

G

Achar

(1) Theótimo se vai enternecendo.

(2) Chorando amargamente, e depois de grande pausa.

Achar algum obstaculo... o teu pranto  
 Sobre este coração faz hum milagre.  
 He força, pois... e atrevo-me a dizello!  
 He força renunciar... o amor... Constança!  
 Sim... deixar-te... fugir-te... em fim, privar-me  
 Para sempre de tudo quanto adoro;  
 Perder, longe de ti, a inutil vida  
 Que aborreço; arrancar-te da minha alma...  
 Oh Ceo! E isto não basta? Que mais queres?

*EUFEM.*

Graças benigno Deos, graças! Eu vejo  
 Theótimo outra vez.

*THEOT.*

Ah! Que a virtude  
 Jámois esteve tão visinha ao crime:  
 Meu triste coração bem o experimenta.  
 Mórter he nada: observa quantos males  
 He capaz de soffrer a Humanidade;  
 Vê o Abysmo espantoso, a que me arrójo:  
 Eu me ausento, Constança, eu parto... eu fujo...  
 Eu te deixo... eu te perco... eu te obedeço...  
 Inda mais do que aos Ceos... em fim... recebe  
 O meu eterno a Deos... sinto no peito  
 Mil mortes... eu te perco para sempre,  
 Quando... oh Ceos! Quando nunca te amei  
 tanto. (1)

*EUFEM.*

---

(1) Sahe violenta, e precipitadamente.



## EUFEM. (1)

Só me resta... morrer. (2)

## SCENA IV, E ULTIMA.

EUFEMIA, a CONDESSA, SOFIA,  
CECILIA.

S O F.

**E**M fim, triunfas!

O Dom da Graça reforçou teu peito! (3)  
Oh meu Deus! Attendeste ás minhas preces,  
E a minha Eufemia ao número ditoso  
Dos Escolhidos teus associaste.  
Nós vinhamos, Amiga, dar-te auxilio, (4)  
Moderar tua dôr; porém Deus mesmo  
Se dignou de baixar do Throno Augusto  
A aplanar-te o caminho da victoria.  
Goza, pois, da maior felicidade,  
Que he licita aos Mortais. Este conflicto,  
Em que a mais forte das paixões domaste,  
Firma o Poder da Religião sagrada.

CEC.

- 
- (1) Seguindo-o com os olhos até o perder de vista.  
(2) Cabe com os braços estendidos sobre huma das pedras sepulchrais.  
(3) Abraçando Eufemia com transporte.  
(4) A Eufemia.

## C E C.

Hum tão subltme esforço me confunde! (1)  
 Eu lhe observava cautamente os passos  
 Por entre a escuridade; a sua fuga  
 Eu he que revelei: mas, obrigada  
 A admirar-lhe a constância, reconheço,  
 Que a Virtude he aos Ceos mais agradável  
 Depois de combater.

## S O F. (2)

Mas eu a sinto  
 Trémula... sem acordo entre meus braços...!  
 Tem no pálido rosto impressa a Morte!  
 Senhora, soccorrâmos vossa Filha... (3)  
 Quanto a virtude, oh Ceos! nos he custosa!  
 Minha Irmã... (4)

## C O N D.

Eis o fructo dos rigores  
 De huma barbara Mãi! Oh vós, que, injustas,  
 Não sabeis sustentar este piedoso,

E

- 
- (1) A Sofia.  
 (2) Occupada em soccorrer Eufemia.  
 (3) Com ancia para a Condessa.  
 (4) Para Eufemia com ternura.



E sagrado carácter, ah! Devieis  
 Ser testemunhas do horrído castigo,  
 Que do materno amor pune a cegueira. (1)

---

(1) A Condessa, Sofia, e Cecilia se unem para tomar nos braços Eufemia moribunda.

---

## C A T A L O G O

*De algumas Obras que se achão na loja de Paulo Martin filho, Rua da Quitanda N.º 34.*

O Diabo Coxo, 3. 2 vol.	1600
A Choupana India, 8.	640
Paulo e Virgina, 8.	960
A Vestal, por Bocage.	800
Nova Castro.	960
Verdadeira vida de Bonaparte.	960
Vida de Madama Bonaparte.	960
Improvisos de Bocage.	320

Galateia, Ecloga.	320
X Marilia de Dyrceo, 3 vol.	2400
Despertador dos Soberanos.	800
Ensaio sobre a Critica, por Pope.	3200
Ullysea Libertada, Drama.	480
Os Sebastianistas, por José Agostinho de Macedo, 2 vol.	1600
Justa defeza do livro intitulado os Sebastianistas.	320
Obra de D. Pedro de Cevalhos, 2 vol.	1600
A segunda parte se vende separada.	800
X Os Pedreiros Livres, e os Illuminados.	480
Gloria do Oceano, Drama.	320
Protecção dos Inglezes.	320
Memoria sobre qual seria o estado de Portugal, se os Francezes o dominassem.	640
Exame das causas que allegou o Gabinete das Thu- lherias para mandar contra Portugal o exercito.	480
Reflexões sobre a conducta do Principe Regente.	240
Elogio do Grande Marquez do Pombal.	480
Manifesto da razão contra as usurpações Francezas.	640
Protecção á Franceza.	320
Embarque dos apaixonados dos Francezes.	320
Surriada á Massena em Portugal.	320
Chalaga de Napoleão.	320
A B C Poetico Dotrinal e Anti-Francez.	480
A queda do Dispotismo, Drama.	480
Catecismo civil.	160
Vozes do patriotismo.	320
A' Fedelissima Lusitana, Ode.	240
Ode offercida a S. A. por hum Madeira.	160
Ode sobre a restauração do Porto.	160
Ode sobre a restauração de Lisboa.	160
Almanak da Corte.	1600